Iemanjá em Família:
Mito e Valores Cívicos no Xangô de Recife[1]

RITA LAURA SEGATO

Introdução

O presente trabalho pretende iluminar o conteúdo político do repertório mitológico próprio da tradição afro-brasileira do Recife[2]. O *corpus* mitológico será tratado como um discurso onde o elemento de crença se confunde, aos olhos dos membros do culto, com sua capacidade de dizer, com sua eficácia ostensiva de uma série de proposições elementares sobre o mundo que a comunidade do culto habita. Em primeiro lugar, tentarei mostrar que estes mitos são falas porque se constituem em objetos de crença, na mesma medida em que se constituem em meios expressivos para explorar a verdade. Assim, neste tipo de mitologia, a verdade divina se realiza só na medida em que ela é verdade sobre o mundo. Argumentarei que fé e conhecimento se confundem, tautologicamente. Em segundo lugar, sustentarei que o conteúdo destes mitos é, entre outros possíveis, político porque, ao descrever um conjunto de relações entre divindades enquanto membros de uma família mítica, faz escolhas e prevê destinos, ao mesmo tempo que toma posição sobre o papel de cada uma das entidades no seio destas relações familiares. Por trás destas opções

1. Uma primeira versão deste texto apareceu em 1988, no nº 73 da *Série Antropologia* do Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. A versão que aqui publico sofreu cortes consideráveis na etnografia e apresenta algumas modificações e clarificações que me foram sugeridas por José Jorge de Carvalho, Klaas Woortmann, Alcida Rita Ramos, Eurípedes da Cunha Dias, Julio Cezar Melatti e Mariza Peirano.

2. Os materiais que aqui apresento são o resultado de três períodos de trabalho de campo num total de 18 meses entre 1976 e 1980, o qual também deu origem a minha tese de doutorado (Segato, 1984). A pesquisa teve lugar nos subúrbios pobres da cidade de Recife, junto àquelas casas de culto Xangô que se caracterizam pela intenção de fidelidade à herança africana e, particularmente, à tradição Nagô.

Anuário Antropológico/87
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990

há manifesta uma hierarquia valorativa, uma escolha de estratégias e um posicionamento face a aspectos da vida social como: acesso ao poder e ao prestígio, acesso à riqueza, valor relativo do trabalho e do senso de justiça, papel das instituições e normas, etc. Portanto, será possível afirmar: 1) que crença e conhecimento são aspectos indissociáveis do mito no Xangô do Recife; 2) que a vigência do mito radica na sua capacidade constantemente atualizada de fazer ostensivas certas afirmações sobre o mundo; e 3) que é possível identificar o aspecto político de um conjunto de relações que se apresentam, em princípio, como pertencentes à ordem privada, particularmente, a partir das opiniões que são dadas sobre o desempenho dos personagens em seus papéis familiares. Assim, os temas do poder, da justiça, da legitimidade, do mérito e da riqueza, que identificamos como essencialmente políticos, constituem também a matéria-prima de que está composto o discurso sobre a vida privada.

Entre os membros das casas de culto Xangô do Recife que pertencem à tradição Nagô circula um repertório de estórias míticas. Estas estórias, chamadas geralmente de "passagens da vida dos santos", narram episódios protagonizados pelos orixás africanos de origem iorubá cultuados localmente, descrevendo suas personalidades e o caráter das relações que mantêm entre si.

O ingresso ao culto de cada novo membro não só implica que este passa a formar parte de uma "família de santo" (tal como descrita para a Bahia, particularmente, por Silverstein, 1979 e ver também Segato, 1984 e 1986), mas também que o novo "filho de santo" terá que subordinar-se a um orixá desde agora investido como seu "dono do ori", "dono da cabeça" ou "guia", e a um segundo orixá, patrono secundário ou *ajuntó*. Estes santos atuam, de fato, como descritores da personalidade do filho e se considera que existe uma equivalência ou similitude entre os traços de comportamento do orixá dono do *ori* e aquele, enquanto o *ajuntó* vem completar o quadro de sua identidade pessoal. É por isso que se torna fundamental contar com estórias míticas que caracterizem o comportamento dos orixás por meio do relato dos acontecimentos por eles vividos. O perfil veiculado por estes mitos é complementado por outros recursos expressivos, tais como o repertório específico de toadas rituais e de toques de tambor associados a cada um dos santos, o conjunto de gestos coreográficos que manifestam sua presença através da possessão, uma caracterização física ou visualização feita por meio da descrição de visões e aparições dos mesmos em sonhos, as cores dos santos e os sabores por eles preferidos para suas "comidas" ou oferendas rituais.

Não são todos os orixás conhecidos no Brasil que, na tradição ortodoxa no Nagô do Recife, estabelecem com seus filhos este tipo de relação de patrocínio e identidade. O quadro seguinte enumera estes últimos por ordem de idade e os classifica em masculinos e femininos.

"santos homens"	"santos mulheres"
Orixalá (o pai, também chamado Oxalá ou Obatalá) Ogum (o primogênito) Xangô (o filho mais novo)	Iemanjá (a mãe) Iansã (a mulher de Xangô, também chamada de Oiá. Oxum (a filha mais nova).

Além dos mencionados que, como já disse, têm o denominador comum de aceitar o papel de donos do ori, há também no panteão recifense outros santos que, embora conhecidos, não têm, por força do hábito, filhos dedicados a eles nas casas mais tradicionais. Alguns destes tiveram mais vitalidade no passado e hoje, quando muito, desempenham o papel de ajuntós na cabeça de escassos filhos. Estes santos são: Odé (popular como Oxóssi na Bahia), Obaluaiê (também chamado Omulú), Oxumaré e Obá, sendo os dois primeiros masculinos e as duas últimas femininas. Por outro lado, existem orixás que, por força da regra, são rigorosamente excluídos de qualquer papel tutelar na cabeça dos filhos, a saber: Exú, Orumilá, Ibeje e Nanã, sendo os três primeiros masculinos e a última feminina.[3]

É só acerca daqueles que têm filhos de santo que se tem descrições mais precisas nos mitos e é justamente em torno da figura deles que a presente interpretação vai ser desenvolvida. Cabe esclarecer que os membros

3. Exú é o intermediário entre orixás e seres humanos e é representado como uma espécie de servente, porteiro ou mordomo daqueles. Como o comportamento de Exú é, as mais das vezes, traiçoeiro e grotesco, se considera que seria extremamente prejudicial para uma pessoa tê-lo como dono do ori. Por outro lado, no plano sobrenatural, cada um dos orixás tem vários exús para servi-los e, no plano humano, cada pessoa pode atuar como um Exú, dada a situação. No caso de Orumilá, este é situado num nível mais alto que os outros orixás, por cima de qualquer representação antropomórfica, numa dimensão estritamente espiritual. Nanã é, no Recife, além de avó dos outros orixás, a morte mesma, e se descer num filho, este morrerá. Por último, Ibeje é um par de gêmeos mais comumente denominados Cosme e Damião, crianças ainda.

do panteão estão ligados por traços de parentesco e que, portanto, são tidos como uma família, embora bastante idiossincrática. A partir disto, os mitos apontam para dois aspectos em sua caracterização: por um lado, descrevem a relação formal de parentesco que os une e, por outro, a maneira peculiar com que cada um deles desempenha o papel que lhe corresponde em função de sua posição na família. Assim fazendo, as passagens da vida dos santos dão orientação para o comportamento ritual, para o comportamento pessoal e, finalmente, para o comportamento social e cívico ou político dos membros. É deste último aspecto que o presente trabalho virá a ocupar-se. Nele, tentarei mostrar como na figura dos santos se exibe um conjunto de idéias e valores fundamentais que conformam a consciência compartilhada da comunidade do culto Nagô. Minha análise estará centrada nas relações dos orixás entre si e nas características atribuídas a eles e também na maneira como se relacionam com eles os seguidores do culto, visando extrair da leitura interpretativa do mito uma visão da mentalidade sustentada pelo Xangô tradicional.

Apesar do já dito, e à guisa de ponto de partida para a análise, devo acrescentar que, quanto inicialmente interrogados em relação a seus mitos, os membros das casas mais ortodoxas do culto Nagô de Recife mostram um certo embaraço e desconversam, a tal ponto que o pesquisador neófito pode ser às vezes levado a pensar que não existe gênero algum de narrativa entre eles que possa chamar de mito, sem depois ter que se recriminar.

A Mitologia do Xangô: Descrença Eficiente?

Há, de fato, algumas peculiaridades no tratamento dos mitos por parte dos membros do Xangô. Faz-se menção, na literatura antropológica sobre o culto, da dificuldade de obter acesso a estes mitos e coletá-los de maneira sistemática, dificuldade que os autores explicam fazendo referência tanto às "regras do segredo ritual" (Motta, 1978: XV) quanto ao caráter extremamente esotérico e ao zelo com que os sacerdotes do Recife preservam seu conhecimento do culto (Ribeiro, 1978: 47). No curso da minha pesquisa, constatei uma atitude ambivalente perante os mitos, ou "histórias e passagens sobre a vida dos santos", que permite entender esta dificuldade e, ao mesmo tempo, torná-la significativa.

Por um lado, os mitos são invocados de maneira espontânea no curso das conversas, em contextos e situações variados, principalmente, com o propósito de deixar clara alguma característica de comportamento de um orixá ou de algum dos seus filhos, ou de explicar e prescrever algum procedimento

ritual a ser seguido. Estes relatos tomam, geralmente, a forma de citações breves, fragmentos ou alusões, mais ou menos cifradas, a fatos da vida de um orixá, ou a instâncias de sua relação com algum outro membro do panteão. Gestos e observações, tanto por parte de quem relata quanto por parte dos que ouvem, acompanham as referências aos mitos, indicando uma avaliação do comportamento descrito, seja no sentido de aprovação, admiração, condolência ou outro, de maneira que sempre há uma participação afetiva manifesta perante a estória citada.

Por outro lado, como já mencionei, encontrei dificuldades cada vez que solicitei um relato sistemático destas mesmas estórias. Nos casos em que a pessoa acedia ao meu pedido, acompanhava o seu relato com expressões de ceticismo. Por muito tempo, estas estórias me foram contadas em voz baixa e com evidente receio e acanhamento. Um ar de culpa cercava qualquer descrição extensa ou discussão relativa a episódios da vida dos orixás. Instâncias como a seguinte eram freqüentes: uma pessoa dava-me uma explicação sobre um dos recados dado por Iemanjá no oráculo de búzios para, ao mesmo tempo, referir-se a uma das predisposições de caráter dos filhos desse orixá, dizendo:

> *Iemanjá carrega esse odu de falsidade porque ela enganou [foi infiel] Orixalá com Orumilá. Ela fez muita sujeira com o pobre velho.*

Mas, em seguida, o informante interrompia-se para esclarecer:

> *Estou dizendo isto, mas eu não gosto de falar da vida deles [dos santos].*

É possível interpretar este tipo de atitude em relação ao conflito que estes mitos pressupõem ter com a moral católica, já que o povo do santo – autodenominação que se dão os seguidores do culto – considera-se também como católico sem reconhecer qualquer incompatibilidade entre as duas religiões. No entanto, nos relatos míticos, as divindades que eles chamam de santos são representadas por atitudes que mais os aproximam da fraqueza humana do que os assemelham aos seres descritos pela teologia e hagiografia católica. Ao mesmo tempo, as noções científicas às quais os membros do culto têm acesso fazem com que o ceticismo tome conta deles, se solicitados a deter-se nestes relatos fora das situações espontâneas e habituais em que são invocados. As pessoas esclarecem, freqüentemente, que não consideram as estórias como verdadeiras ou que, no mínimo, não desejam especular sobre o

grau de verdade nelas contido. Tal como eles dizem: "os velhos constumam falar... mas ninguém sabe". A aparente contradição entre a necessidade de invocar episódios míticos como referências vitais para a interação, por um lado, e as dúvidas sobre a verdade dos acontecimentos por eles narrados, por outro, é gritante nas colocações dos membros (neste ponto, como em outras partes da minha análise, os materiais que o Xangô proporciona me sugerem uma aproximação com os estudiosos da mitologia grega, neste caso particular, com Paul Veyne, 1984). Por exemplo, em certa oportunidade, uma filha de Ogum tentava descrever para mim o que ela tinha em comum com seu orixá e disse:

> *Segundo as estórias, que hoje nós sabemos que não são verdade... mas se fala que Ogum foi um santo guerreiro, um grande lutador, e que Ele sempre ganhou nas lutas dele... e eu penso que sou tudo isso. Ele ganhou nas batalhas dele. Eu ganhei e ainda ganho: jamais tentei coisa alguma que não desse certo. Se fala que os filhos de Ogum são lutadores; eu luto muito... e não trago derrota para a minha casa.*

Comentários como o seguinte são também representativos:

> *Eu penso que dizer o que aconteceu na vida privada dos orixás é dar uma opinião muito precária. Não temos nenhuma certeza... não podemos tê-la. Agora, se você tenta as estórias, você vai ver que Xangô tomou Iansã de Ogum quando ele [Xangô] estava vivendo com Oxum, depois de ter roubado também Oxum da casa do pai dela. Eu acho que esta é a razão pela qual ela [Iansã] se tornou um santo guerreiro, um santo agressivo (por ter convivido com Ogum), e como ela pôde tornar-se feminina ao mesmo tempo: eu penso que foi depois da companhia de Xangô, porque Xangô é um santo cortesão, um santo mulherengo.*

Existia, aos meus olhos, uma inconsistência aparente entre, por um lado, ter que invocar o mito para, por exemplo, poder descrever o perfil de um orixá e o caráter do filho e, por outro lado, não acreditar literalmente no que estava sendo dito. Mas, esta contradição não era entendida como tal pelos próprios membros do culto. As estórias eram vistas como autênticas, embora não como verdadeiras. As pessoas admitiam abertamente que os fatos narrados não aconteceram na realidade, mas os relatos eram considerados como autenticamente tradicionais e, portanto, como evidências da existência de certas idéias fundantes que transcendem a dicotomia verdadeiro/falso; elas descreviam o comportamento humano, espelhando-o no comportamento dos orixás. Estas idéias fundantes não pareciam poder transmitir-se sem o recurso à alegoria e à parábola, lembrando as palavras de Maurice Leenhardt sobre a necessidade do mito "para suprir a impotência afetiva da linguagem e transfor-

mar em figuras o que nenhum termo genérico pode expressar" (Leenhardt, 1978: 235).

Ao mesmo tempo, a crença, sob esta perspectiva, ficava cada vez mais claramente definida como adesão a uma linguagem. "Crer" nos mitos, entre os membros do Xangô, significava assentir à sua validade como linguagem para falar do mundo.

Um caso clássico da Antropologia que trata da relação entre crença e conhecimento e dos diferentes tipos de verdade que uma mesma sociedade é capaz de sustentar é o apresentado por Leach na sua análise da crença no "nascimento virgem" (1983). Segundo este autor, quando se afirma a falta de participação do cônjuge na concepção – como é o caso tanto de alguns povos melanésicos e australianos quanto da tradição cristã com o mito da concepção da Virgem –, não se trata de conhecimento (ou, mais exatamente, da ausência deste) mas de doutrina (1983:135). "O mito, como rito, não distingue o conhecimento da ignorância..." (:126), portanto, tudo o que se pode fazer é analisar o que quer que "o dogma do nascimento diga sobre a sociedade no qual é afirmado" (: 129). No caso dos trobriandeses, por exemplo, através de seu declarado desconhecimento, eles viriam a expressar positivamente a irrelevância do pai em matéria de descendência e herança. No mundo cristão, onde este mito se afirma com mais força sob a forma de um culto mariolátrico – como em Bizâncio, no Brasil do século XVIII, ou em outras colônias católicas – ele descreve sociedades patriarcais "em que os senhores jamais se casam com pessoas de classes inferiores mas em que graciosamente se dignam a tomar escravas como concubinas e a elevar seus filhos à altura da elite" (:129). A crença na Virgem Maria apontaria, assim, para a ausência de consumação da união entre os progenitores, dando, porém, ao filho o status de legítima descendência.

Lançando mão do exemplo da crença no nascimento virgem no seio da tradição ocidental, onde também se desenvolveu a ciência, Leach contesta qualquer imputação possível de que este tipo de crença seja conseqüência da ignorância dos fatos empíricos que dão lugar à procriação. Com isto, ele afirma que o mito se dirige a verdades de outra ordem. Não se trata de "verdade factual" (conceito definido por Sperber, 1982: 171), no sentido da descrição de fatos realmente acontecidos ou dos fatos da natureza, mas de uma "verdade representacional", metafórica, relativa à sociedade e relevante para interação entre seus membros. Poder-se-ia falar das sociedades que aceitam a coexistência destes dois tipos de crença sem que elas signifiquem, necessariamente, uma disjunção. Essa disjunção lembra o problema que uma criança

apresenta a um adulto quando, depois de ter escutado uma estória de monstros ou fantasmas, lhe pergunta: "é verdade que há monstros? é verdade que há fantasmas?". Se o adulto lhe responder categoricamente: "não, não há", estará introduzindo-a de maneira definitiva e sem volta num mundo de verdades exclusivas onde a ausência de monstros e fantasmas exclui para sempre a sua presença; onde fica prescrita a ausência e a presença simultânea destes, a fim de dar conta do natural e do social enquanto dimensões diferentes do real. De agora em diante, um mesmo instrumento racional com suas figuras terá que dar conta de ambos os tipos de experiência. A expressão do que existe ficará restrita a um único registro.

Enfim, através do processo descrito nos deparamos com um mundo onde o logos despreza o mito na sua qualidade de instrumento, de estratégia idiossincrática para exibir verdades. Mas, não se trata simplesmente da substituição de um discurso por outro, isto é, não se trata exclusivamente de uma permuta de recursos expressivos. O fato de que a mensagem que o mito veicula é uma mensagem cifrada no código da cultura, inacessível sem referência a este código, é parte estrutural e significativa da mensagem mesma, e não seu ornamento. Como Vernant destaca, apesar de que é possível fazer uma "exegese alegórica" do mito (Vernant, 1982: 185), traduzindo-o para a linguagem conceitual própria do logos, não é possível substituir o mito no seu papel específico. Este papel específico consiste em exibir de maneira imediata (sem mediações) os pressupostos de uma mentalidade "até para uma criança", que aprende uma cultura "sem aperceber-se disto, escutando e repetindo a tradição como aprende sua língua materna" (Vernant, 1982:188). O mito é capaz de encarnar, de dramatizar numa narrativa um leque de verdades relevantes ou possíveis que, mais do que expressar, revela, torna patente o horizonte mesmo sobre o qual uma sociedade constrói a sua existência.

> É necessário estar distante, fora de uma cultura, há que experimentar com respeito à sua mitologia uma impressão de estranhamento total, sentir-se desorientado perante o caráter insólito deste tipo de fábula... para que se faça sentir a necessidade de um rodeio, de uma via de acesso menos direta, passando do texto superficial aos cimentos que sustentam sua organização estrutural... e que permite assim a decodificação de um verdadeiro sistema de pensamento que não é imediatamente acessível em todos os seus níveis aos nossos hábitos de pensamento" (Vernant, 1982: 189).

Fica como mensagem principal a importância da relação que existe entre as afirmações que o mito contém e a maneira idiossincrática em que o faz. Tal relação deve ser vista também como significativa. Neste sentido, é um dos

propósitos da exposição que se segue deixar claro que o discurso mítico não é uma fala translúcida, direta, sobre a realidade, mas uma fala oblíqua, encoberta, cifrada. Um exercício de hermenêutica se faz necessário para decifrar estas falas, para encontrar a chave que torna transparente, pelo menos, um de seus sentidos. No caso particular do Xangô, o mito enuncia uma verdade que, embora constitua a moral dominante no grupo de culto e, possivelmente, também em outros setores da sociedade brasileira, resultaria inaceitável se proclamada à maneira de um discurso racional explícito, já que se encontra em flagrante oposição ao discurso da ética moderna e ocidental da qual o Brasil, enquanto nação, se diz oficialmente parte.

A Família Mítica e Seus Integrantes

Não é possível agora seguir adiante com o meu argumento sem fazer uma descrição do comportamento dos orixás, tal como ela emerge de citações dos relatos míticos feitas espontaneamente por membros do culto no curso da interação social. De acordo com isto, todos os qualificativos e atributos que usarei na descrição foram extraídos do discurso dos membros. Mencionarei somente aqueles traços de caráter dos santos que serão relevantes para minha análise posterior, começando pela posição relativa de cada um na família mítica.

É importante ressaltar que o status relativo de um santo, dentro do panteão, depende da sua idade, mas dizer só isto é fazer uma descrição formalista e superficial. O que, de fato, acontece é que cada uma destas divindades pode exercer seu poder ou sua influência sobre as outras por meio de um talento ou atributo que lhe é específico. O aspecto patriarcal que a família mítica parece ter à primeira vista (ver Segato, 1985) não resiste a um escrutínio mais demorado. Do pai, Orixalá, é dito que tem o status mais alto, mas é descrito como uma divindade benevolente que raramente usa o seu poder. A mãe, Iemanjá, é também considerada formalmente como um orixá de maior status que os outros; contudo, ela é, em geral, apática. O filho primogênito, Ogum, deveria tornar-se rei, mas seu irmão mais novo, Xangô, usurpou-lhe esse direito por meio de um truque engenhoso. O status relativo dos outros orixás femininos, Oxum e Iansã, não é muito claro e não há acordo entre os membros sobre o assunto. De qualquer maneira, embora Iansã seja uma estrangeira, ela é mais velha do que Oxum e tem o título de rainha, por um lado, porque comanda os espíritos dos mortos e, por outro, porque casou com Xangô. Outros dizem que é a Oxum que corresponde este título, por ser a rainha do ouro

e a filha preferida do seu pai "legítimo" (ver Segato, 1985 para o significado deste termo), Orumilá, e de seu pai adotivo, Orixalá.

Ainda que Ogum, Xangô, e Oxum sejam filhos de Iemanjá (só os dois primeiros são também filhos de Orixalá), Ogum e Xangô não são vistos como irmãos de Oxum, mas como possíveis parceiros sexuais desta. Por outro lado, nos relatos sobre os santos, não é muito claro o número total de filhos que Iemanjá e Orixalá tiveram. O *corpus* mitológico do Xangô não se constitui numa cosmologia ou numa história. Nenhum mito de criação é invocado, exceto alguns fragmentos sobre a "separação das águas", que me foram mencionados por umas poucas pessoas, com o propósito de argumentar contra o suposto status mais alto de Iemanjá (água salgada) em relação a Oxum (água doce). Por terem as águas doces aparecido primeiro no princípio do mundo, Oxum é – nesta versão – declarada mais velha que Iemanjá e, portanto, de uma "patente" maior, apesar de a primeira ser comumente considerada como sua mãe.

Depois destes esclarecimentos de ordem geral, passo a relatar os episódios míticos nos quais se descreve a relação dos orixás entre si e os contrastes de personalidade entre eles. A partir destes episódios, o povo do culto constrói as caracterizações dos santos que intercalo com as narrativas propriamente míticas. Nestes discursos, cada orixá é retratado como sendo portador de características positivas e negativas, só que, como mostrarei na última parte deste trabalho, além desta avaliação objetiva e eqüânime, o povo do Xangô expressa suas preferências arbritrárias fundamentadas no gosto pessoal ou na hierarquia de valores consensualmente endossada pelos membros.

As descrições dos orixás com as quais completo os relatos propriamente míticos são constituídas por adjetivos e frases curtas qualificando o caráter dos orixás. Todos estes qualificativos foram extraídos de comentários espontâneos proferidos por membros do culto em circunstâncias variadas e foram reorganizados por mim, sob a forma de listas de atributos, para os fins desta exposição. Estes atributos representam a leitura – ou interpretação – que os membros do culto fazem do mito.

Com relação à forma que escolhi para expor os materiais que servem à análise, trata-se de um entrelaçamento de três vozes – a minha, a do mito e a do povo do Xangô – à maneira de uma polifonia cujo resultado final é a fusão de todas elas. Estes discursos superpostos, soando juntos, retratam e tentam fazer o leitor participar num trânsito possível pelo percurso que vai do mito ao cotidiano, mostrando como estas duas dimensões são parte de uma teia comum. Contudo, falo aqui de três vozes – a fala mítica, a exegese cotidiana

dessa fala pelo povo do Xangô e a minha própria exegese – e não de duas, porque é possível afirmar, com Ricoeur, que a voz dos símbolos é uma voz primeira: *"symbols give rise to thought... First there are symbols" (Ricoeur,* 1969:19; ênfase do autor). O mito, por sua vez, em continuidade com o rito, é a forma (de narrativa) mais próxima do próprio símbolo primário, confundindo-se com ele no seu papel de "analogon" (:166–167). O exegeta se encontra com eles através de uma "contingência" que reúne, numa convergência fortuita, o tempo originário e o presente histórico (:24).

O fato de falar em três vozes não implica entender o mito como um artefato acabado e autônomo, transcendendo as circunstâncias contextuais, à la Lévi-Strauss. Significa aceitar que o mito é uma fala semipronta, disponível, à mão, e caracterizada por uma maior fixidez do que os comentários espontâneos, improvisados, que o povo introduz em suas falas cotidianas. Estes comentários constituem o que aqui chamo de segunda voz e representam a interpretação criativa que os próprios membros fazem em torno das narrativas míticas.

Partirei destas falas secundárias para, finalmente, produzir o meu próprio discurso de terceiro grau, tão contingente ao próprio olhar histórico que lanço sobre este povo quanto o que ele próprio lança sobre seus mitos. Meus comentários, contudo, não são orientados só pelo discurso puramente verbal que aqui aparece registrado, mas são, também, o produto de uma enorme quantidade de informações propriamente etnográficas que adquiri a partir de minha convivência e participação no cotidiano do culto.

O Ciclo da Coroação e a Maternidade de Iemanjá

No cerne das relações entre os membros do panteão do culto encontra-se um evento que, relatado em diversas versões, deixa estabelecida a relação entre os dois filhos homens. Trata-se do ciclo da usurpação do trono de Ogum por parte de Xangô e é a partir deste episódio que podem ser compreendidas com maior facilidade as restantes articulações de harmonia e conflito, semelhança e antagonismo. É também a partir dele que emerge com nitidez um primeiro contraste entre dois perfis comportamentais, duas escolhas valorativas e duas estratégias cívicas opostas encarnadas nas figuras de Oxum e Xangô.

Primeiro Episódio: versão a). Onde se relata como o filho mais novo, Xangô, por ser astuto, usurpou a coroa de Ogum, o primogênito e herdeiro legítimo.

Xangô e Ogum são rivais. Eles são irmãos mas não são unidos, porque Xangô tomou o trono dele. Iemanjá não queria que Xangô se tornasse rei porque Xangô era muito traquino e muito violento. Ele causava muita perturbação. Ele batizava e vendia. Então, Iemanjá queria Ogum como rei, porque Ogum era um santo de mais idade, mais calmo, mais confiável e mais responsável. Ogum era também o primogênito de Iemanjá e Orixalá. Por outro lado, Xangô era mesmo o filho preferido de Iemanjá e Orixalá, o filho mimado, mas Iemanjá pensava que ele era travesso demais para nomeá-lo rei e escolheu Ogum. Mas Xangô traiu Ogum. Aconteceu que Iemanjá organizou a cerimônia e, no dia da festa, quando a coroação de Ogum ia ser feita, eles estavam todos lá e Xangô disse para si: "de maneira nenhuma posso deixar de ser rei". Então, ele preparou uma "coisa" [mágica], misturou no café de Ogum e, quando Ogum bebeu, dormiu a noite toda. Além disso, como Ogum era muito cabeludo [o primeiro filho dos progenitores míticos é imaginado como um homem pré-histórico] e Xangô não, este apanhou uma pele de cordeiro e se cobriu com ela. Assim, na hora da cerimônia, quando apagaram as luzes, Xangô chegou, subiu em silêncio e se sentou no trono para ser coroado por Iemanjá. Todo mundo pensou que era Ogum, mas Ogum dormia e não soube de nada. Eles fizeram tudo o que tinham que fazer na cabeça dele [alusão aos rituais de iniciação] e, quando a coroação acabou e as luzes voltaram, eles viram que era Xangô e não Ogum quem estava ali. Ele é realmente muito esperto e faz muitos truques.

Neste mito já estão presentes e entrelaçadas na sua trama uma série de afirmações sobre as figuras protagonistas que, fora do contexto de sua narrativa, são esporádicas mas constantemente atualizadas na forma de alusões no cotidiano do Xangô.

Em primeiro lugar, a façanha do rei Xangô que, inescrupulosamente, ganhou o trono com um truque, é descrita com admiração e simpatia pelo povo de santo[4].

Xangô é o santo mais forte do culto, e pode lhe ajudar a alcançar qualquer coisa que você deseja na vida. Ele passa por cima de todas as dificuldades.
Os filhos de Xangô são abertos, espontâneos, extrovertidos, brincalhões, estão sempre alegres. Xangô é o "Negão". Ele é "Cheguei": nunca passa desapercebido. Os filhos de Xangô gostam de anarquizar, de se divertir. Se sentem à vontade em qualquer situação, não se importam com a aparência. São gente muito segura, muito descomplexada, muito pra frente. Não esquentam a cabeça facilmente, são despreocupados.

---

4. Nos textos que se seguem, os informantes caracterizam as idéias que cada santo encarna falando, às vezes, do orixá e, às vezes dos seus filhos genericamente, sem perceberem a oscilação dos sujeitos. Assim mesmo, e possivelmente devido à inércia própria da língua, quando se trata de um santo-mulher, geralmente, fazem referência às filhas do orixá em questão, e vice-versa, quando é o caso de santo-homem. Contudo, os filhos iniciados sob a tutela de um orixá podem ser homens ou mulheres indistintamente, e os atributos da personalidade do orixá lhe são igualmente extensivos. Na versão anterior deste artigo, incluo um repertório dos atributos de todos os orixás mais completo que na presente versão.

Xangô não tem orgulho: Ele é o "rei bobo". Ele é vulgar, um charlatão, um zombeteiro, um vigarista, um mentiroso. Ele sabe como conseguir o que Ele quer, como impor a sua vontade. Ele quer ser maior que todo mundo, porque é o rei dos orixás.

Primeiro Episódio: versão b). Uma versão complementar daquele episódio ilumina ainda mais a faceta imprevidente do herói.

Naná, a avó dos orixás, costumava fazer renda e vestir bonecas. Ela tinha a cesta de costura dela. Um dia Xangô chegou danado da vida dizendo que queria ir a uma festa muito importante mas não tinha roupa apropriada para vestir. Ela já tinha feito a roupa de todos os outros orixás, então pegou os restos de fazenda e preparou o *mariwó* [saiote de Xangô, feito de tiras]. E é por isso que o *mariwó* de Xangô pode ser de todas as cores, justamente porque foi feito dos restos das roupas de todos os outros orixás. E, de fato, apesar disto, o *mariwó* ficou tão bonito que, quando Ele chegou à festa, foi muito aclamado e escolhido rei. Então Ele se sentou, tão bonito, tão graciosamente, na cadeira de Ogum, que ganhou o trono sem ter a primogenitura, só por conta do seu charme. Aquele trono pertencia, de fato, a Ogum, mas Xangô se apressou, se sentou, e ninguém foi capaz de tirá-lo dali nunca mais.

De fato, os membros do culto dizem:

Os filhos de Xangô não têm disposição para gastar suas energias trabalhando. Eles só alcançam aquilo que podem obter facilmente graças ao engenho. Eles podem ficar pobres, na pior e, assim e tudo, podem ganhar enormes riquezas com um truque, com seu charme, ou com um golpe de sorte ou de magia. Eles podem ganhar tudo e perder com a mesma facilidade, e não ficam aflitos. Por tudo isso, Xangô é rei sem ter ar de rei, sem ter a pose de um rei. Xangô é um "rei vestido de tiras" [de farrapos, de restos de panos], é o rei brincalhão. Xangô é popular. O povo adora Ele. Ele é "quente", animado, entusiasmado. Ele tem um jeito, um charme para tudo.

Em flagrante oposição com o bem-sucedido – embora fraudulento – rei, emerge a figura de seu direito – mas desafortunado – irmão mais velho. Ela é apreendida, freqüentemente, a partir de suas projeções sobre os filhos de santo iniciados sob sua tutela.

Os filhos de Ogum são severos, carrancudos, sizudos. Parecem mais velhos do que são. São de uma palavra só. Com ele não há dúvidas nem ambigüidades.
Eles têm um rosto desagradável, duro, rígido, com as sobrancelhas franzidas.
Eles gostam de dar ordens. Ogum é excessivamente conservador e circunspecto. Ele perdeu a coroa por um truque de Xangô, mas preservou o porte solene, seu ar de rei, porque Ele era o legítimo primogênito. Nunca perdeu a dignidade, a formalidade, a parcimônia de um rei.

Ainda, no pano de fundo da história, surge a figura de Iemanjá, que tem a seu cargo a própria coroação e, portanto, aparece no papel de quem administra as atribuições correspondentes a cada orixá. O estilo particular que caracteriza o desempenho de Iemanjá nesse papel é elaborado na seguinte versão abreviada do episódio:

Primeiro Episódio: versão c). Onde se exibe o legalismo formal e vazio de Iemanjá, a mãe que, no desempenho de uma autoridade meramente convencional, é seduzida pela astúcia e simpatia do filho mais novo e acaba por aquiescer à sua vontade caprichosa em detrimento das aspirações legítimas do seu filho mais velho. Iemanjá dá prioridade à compostura, à polidez, à continuidade da ordem estabelecida, mesmo encubrindo um privilégio imerecido.

> Os filhos de Iemanjá se preocupam mais com as aparências que com a verdade, mais com a ordem que com a justiça: sendo mãe e rainha, Iemanjá preparou dois tronos para coroar Xangô como príncipe e Ogum, por ser o legítimo primogênito, como rei. Também organizou uma festa para celebrar a coroação. Mas Xangô não estava satisfeito com o título de príncipe, fez um truque e fez Iemanjá colocar a coroa na sua cabeça. Quando Iemanjá descobriu já era tarde demais e, para evitar o descrédito, Ela deixou Xangô ter a coroa embora, por direito, esta tivesse correspondido a Ogum.

Desprende-se uma profusa seqüência de elaborações sobre a parcimoniosa figura de mãe dos orixás e dos seus filhos de santo, cujos motivos mais relevantes são tratados da maneira seguinte:

> *Todos os orixás são obrigados a render homenagem a Iemanjá, ainda sem gostar dela, porque Ela é um santo poderoso: Ela é mãe e, portanto, Ela tem influência e autoridade. Iemanjá tem o privilégio e o prestígio de ser mãe, e eles devem vir a Ela e render-lhe homenagem por essa razão só, mesmo que Ela não tenha feito nada para merecê-lo.*
> *Iemanjá é o santo que "sustenta a cabeça", que nos protege de "perder a cabeça" por qualquer razão. A gente se encomenda a Iemanjá para não enlouquecer por besteiras. Ela mantém as pessoas equilibradas, capazes de se controlarem.*
> Os filhos de Iemanjá jamais se rebelam, nunca anarquizam. Eles são calmos, pa*cientes, apáticos, desanimados. Seguem sempre a mesma rotina, todos os dias igual. Na verdade, eles são covardes, conformistas.*
> *Os filhos de Iemanjá são escrupulosos, responsáveis, sérios, formais, discretos, embora às vezes possam ter uma reação brusca.*
> *Os filhos de Iemanjá hesitam muito antes de decidir qualquer coisa; mas quando tomam uma decisão, nunca se empolgam a ponto de defender apaixonadamente o que acreditam ser justo e acertado.*
> *Os filhos de Iemanjá têm uma mente estreita, convencional, quadrada. Têm falsos escrúpulos e são acanhados, mas não hesitariam em cometer uma ação desonesta ou trair alguém para conseguir o que querem.*

Há, por último, neste mito, uma ausência significativa que merece ser explorada: a ausência do pai, Orixalá. É possível iniciar essa exploração com uma inversão dos termos. De fato, trata-se da presença de um pai ausente, que não lança mão da sua autoridade para restaurar a justiça essencial que fora lesada por Xangô, favorecido pela mãe.

> *Quando se canta para Oxalá [durante o "toque", ou ritual público], todos os orixás têm que curvar-se, porque Ele é o pai. Ele é um santo de caráter firme, confiável, mas é um santo velho e cansado.[5] Os filhos de Orixalá têm um caráter sempre igual: calmo, dócil, lento, demorado para fazer as coisas, para dar opinião. Se você olha para a cara de um filho de Orixalá, você pode ver uma certa monotonia, um ar insípido. Os filhos de Orixalá são indiferentes, desanimados, não se empolgam por nada. Têm uma presença grave, pesada.*
> *Ele se contenta com um pouco de arroz [como oferenda ritual]: é o mais humilde e bondoso dos orixás.*

É justamente o perfil de um pai benevolente e discreto, um pai que não se impõe, que é passado para trás, o que surge do mito da maternidade de Iemanjá:

Segundo Episódio: Onde se descreve os maus tratos que Orixalá sofreu de Iemanjá.

> Iemanjá carrega esse *odu* [mensagem do jogo de búzios e também destino] de falsidade porque Ela foi falsa com Orixalá. Ela enganou o velho com Orumilá: os filhos de Iemanjá, em geral, costumam ser infiéis, e o velho teve que sofrer muitas ofensas na vida dele. Ela costumava mandar fazer uma galinha para o jantar, comia a carne e deixava os ossos para Ele comer. E Orixalá agüentou tudo isso dela. Iemanjá também nunca foi dedicada aos filhos. Teve eles mas Oxum foi quem criou. Oxum nasceu da relação de Iemanjá com Orumilá, mas Orixalá aceitou esta filha como se fosse sua e Oxum tornou-se sua filha preferida e foi quem cuidou da velhice dele. E Ele sempre perdoou Iemanjá. Apesar de tudo isto, Iemanjá tem que ser respeitada por todo mundo porque Ela é o santo que "sustenta nossa cabeça" [sustenta o bom senso, o autocontrole das pessoas]. Ela toma conta "da cabeça" dos filhos de todos os santos.

Essa imagem do pai é reforçada por definições que salientam o caráter inócuo, embora louvável, de suas muitas virtudes:

---

5. Existem, na realidade, duas qualidades principais de Orixalá: Orixaolufã e Orixaoguiã. No essencial do caráter elas são idênticas, mas o exterior, a aparência é diferente. Orixaolufã é velho e, portanto, mais lento e mais calmo em geral. Os filhos de Orixaoguiã são mais jovens e se comportam de forma mais enérgica e ativa, podendo parecer, exteriormente, quase tão agitados e traquinos como os filhos de Xangô. Contudo, eles são apenas variedades de Oxalá e, no fundo, a orientação da personalidade é a mesma.

Os filhos de Orixalá são prudentes, cautos, metódicos e reflexivos; preferem pensar as coisas cuidadosamente antes de tomar qualquer decisão. São gente sábia: compreendem as coisas.
Os filhos de Orixalá suportam tudo. Orixalá é um santo muito submisso, muito obediente. É um sofredor e uma vítima: sofre muito mau trato e agüenta todo sofrimento com resignação.

O correlato deste pai é uma mãe hipócrita, que usufrui dos privilégios conferidos pela maternidade, mas preenche seu papel de maneira puramente formal. Ela suscita um fascínio ambivalente entre os membros do culto. Prova dessa fascinação, mistura de admiração e raiva, é o empolgamento com que se aplicam a esmiuçar, em suas conversas, a complexa personalidade de Iemanjá.

Iemanjá tem essa posição superior porque Ela é mãe. Mas, há muitas mães que dão à luz e abandonam os filhos na porta dos outros. Na verdade, os filhos de Iemanjá nunca são totalmente generosos ou muito prestativos, nem com seus próprios filhos.
Apesar da aparente ternura, eles são distantes, frios, controlam completamente suas emoções sem deixá-las extravasar. Não se envolvem. É muito difícil perceber os erros de um filho de Iemanjá: eles atuam de uma maneira muito prudente, muito discreta, muito dissimulada. Fazem as coisas por baixo do pano. Não deixam transparecer nada. Não são francos.
A questão central com os filhos de Iemanjá é que a aparência deles é enganosa, não são diretos. Não abrem o jogo totalmente com ninguém. Porque Iemanjá tem a qualidade do mar: Ela sempre surpreende, sempre engana; por trás da aparência tranqüila vem a pancada brusca, inesperada.

No espaço que a maternidade puramente formal de Iemanjá deixa sem ocupar, entra a vocação materna de Oxum, a filha mais nova:

Oxum é quem toma conta das necessidades e providencia as coisas. Oxum é a mãe provedora. Ela está sempre disposta a tomar conta das crianças.
Oxum é a verdadeira mãe, a mãe criadeira, a mãe que toma conta dos filhos dos outros orixás. Ela é provedora. Ela sabe cuidar, velar pelas necessidades dos outros.

Um outro aspecto do papel relativo à maternidade de Iemanjá é a relação que ela mantém com o seu filho favorito, Xangô:

Terceiro Episódio: Onde se mostra o caráter encobridor de Iemanjá.

Xangô foi o filho favorito de Iemanjá. Ela ocultava os erros dele embaixo de sua saia. Ele ia sempre esconder-se debaixo da saia de Iemanjá. Xangô era muito

safado, muito travesso, e quando ia em casa aperreava muito a mãe e comia tudo o que tinha lá. Foi por isto que Ogum proibiu Ele de se aproximar, de ir visitar a mãe. Por isto Ele chegava só quando Ogum saía e, para saber se Ogum ainda estava por perto, Ele cantava a toada: *omã Ogum tá umbelé coajó...* Se a mãe respondia, queria dizer que Ogum não estava e, então, Ele entrava. Iemanjá sempre acobertou todas as traquinagens de Xangô. Ela ocultava de Ogum e de Orixalá tudo o que Ele fazia.

Novamente surge aqui a figura de Iemanjá como a mãe que exerce uma autoridade e estabelece uma ordem fundamentada não no princípio da justiça, mas no privilégio de poder fazer escolhas arbitrárias. Como dizem:

Iemanjá é mãe, com tudo aquilo que a palavra mãe representa: Ela dá aos seus filhos aquela proteção, aquela cobertura que torna eles inflados, hipócritas, donos da verdade, superiores a todo mundo. Por um lado, parecem muito calmos, muito humildes, mas, por trás dessa humildade, são de uma arrogância extrema. São de um jeito que você jamais percebe o que eles estão realmente pensando de você. Um filho de Iemanjá é incapaz de deixar transparecer seus sentimentos de desgosto por você: isto é o que significa ser mãe, a mentalidade de mãe.

Enquanto isso, Ogum, uma vez mais, é o bom filho não agraciado pelos favores da mãe. Acontece que, segundo o povo de Xangô, Ogum não sabe seduzi-la, faltam a ele jovialidade e jogo de cintura:

O filho de Ogum pode ser bom, calmo, mas se você, por azar, o contraria, ele se afasta definitivamente de você; se você concordar em tudo com ele, ele é seu maior amigo, mas, à menor divergência com seu ponto de vista, ele não quer saber mais de você.
Ele é muito masculino e muito equilibrado. Ele tem a cabeça no lugar, tem maturidade e não aceita desordem nem anarquia. Na casa dos filhos de Ogum há ordem demais.

De fato, Iemanjá não se interessa muito pelos métodos que usa Xangô para agradá-la. Ela só mostra respeito pela lei que instaura seu próprio privilégio. Assim, só defende os bons costumes e, para isto, evita, sistematicamente, qualquer fonte de confusão ou anarquia. É aquiescente com Xangô, desde que a forma de legalidade seja preservada.

Quarto Episódio:

Estava perto do dia do aniversário de Iemanjá e todos os orixás prepararam seus presentes, mas todo mundo sabe como é Xangô... quando vê algo que Ele quer,

não descansa até consegui-lo. Exú, que era o pobre servente, não tinha nada para dar à rainha e preparou uma plantação de inhames, porque Iemanjá adorava comer inhame e era a única coisa que Ele poderia lhe dar. Então, enquanto todos eles preparavam seus presentes, Xangô, na sua afobação, não se organizou para comprar nada, mas ainda lembrava que ia ter o aniversário. Quando o dia chegou, Exú colheu os inhames, os lavou e os deixou ao sol para secar. Xangô passou e imediatamente notou e sua cobiça cresceu ainda mais porque sabia quanto Iemajá gostava de inhame. Então Ele se aproximou de Exú e lhe pediu que desse os inhames para Ele dá-los de presente a Iemanjá. Exú disse que era o único presente que tinha para Ela, já que Ela era a rainha e Ele só um pobre servente. Então Xangô começou a pressioná-lo, pedindo e pedindo uma e outra vez, até que Exú disse: "está bem, vou te dar os inhames só se você me deixar sentar à mesa e ser o primeiro a comer". Xangô respondeu: "sim, claro, não tem problema, me dá os inhames". Mas Exú, que conhecia Xangô muito bem, acrescentou: "não é assim tão simples como você está pensando, eu quero sua palavra por escrito". Portanto, Xangô, que só pensava nos inhames, assinou o papel e pegou o presente. Quando Iemanjá recebeu os inhames de Xangô, Ela disse que esse era o melhor presente do mundo e ficou emocionada. Mais tarde, quando a cerimônia começou, a mesa estava pronta e todos os convidados importantes já tinham chegado, Exú entrou e não teve dúvida: se sentou à mesa. Iemanjá veio imediatamente até onde Ele estava, acompanhada por Orixalá, e mandou Exú lenvantar-se: "retire-se, retire-se, isto aqui não é para você, você come depois, essa não é a hora de você comer, esta comida aqui é para nós!" Mas Exú respondeu: "de jeito nenhum, eu não saio" E Iemanjá disse: "Você vai sair agora mesmo"... "não, não vou, porque Xangô, o rei, disse que eu ia comer primeiro na mesa". Então Iemanjá disse "não, você não pode" e mandou chamar Xangô. E Xangô disse: "não, você vai se levantar daqui imediatamente !"... Xangô havia pensado que aquilo não passaria de conversa de Exú, e que chegada a hora Ele mandaria e Exú obedeceria ao que Ele dissesse. Mas Exú, então, mostrando o papel assinado por Xangô, disse: "não, porque um rei não volta atrás na sua palavra, olhem o que diz nesse papel!" Só então Iemanjá cedeu e, desde então, Exú sempre come primeiro (nos rituais) para evitar confusão; e, desde então, o aniversário de Iemanjá é celebrado como a Festa do inhame [que inicia o ciclo anual dos rituais no Recife].

É por estes e por outros fatos que se diz de Iemanjá e seus filhos:

Eles são minuciosos, moderados, moralistas.
Os filhos de Iemanjá têm maneiras muito polidas, muito meigas, muito persuasivas e falam muito bem, sabem convencer. São muito comedidos, controlados. Pode-se pensar que são calmos ou que são seguros demais. Mas, quando você perturba eles, sabem dizer a palavra que destrói. Sabem censurar e ferir com palavras àsperas, sabem dar um fora para, imediatamente depois, ficar como se nada tivesse acontecido.
Quando a gente olha para um filho de Iemanjá, a gente suspeita que ele vai desprezar a gente, que ele vai ofender, pisar em cima da gente, que ele vai tirar vantagem da gente. A gente pensa que ele responde só por obrigação, por boas maneiras. Você se sente incomodado, constrangido.

O filho que ela protege, no entanto, nada tem da cuidada formalidade da mãe:

> *Xangô é muito à vontade; nunca perde a oportunidade de anarquizar. Ele é frívolo e não leva nada a sério. A palavra de Xangô não é confiável.*

E usa sua astúcia, mas não seu esforço, para agradá-la:

> *Os filhos de Xangô são desleixados, folgados, descansados, não ligam para nada, não são de ir à luta para alcançar alguma coisa na vida. São covardes e evitam tarefas ou situações complicadas ou perigosas.*

É sobre este tema que fala também o episódio que se segue, onde se mostra que a esperteza – e não o trabalho sistemático – é a via da aclamação do rei Xangô.

Quinto Episódio:

> Xangô era quem, graças à sua engenhosidade, providenciava as coisas para Iemanjá e Orixalá. Ele era quem tomava conta de tudo e quem resolvia todos os problemas. Iemanjá já estava desconfiando de alguma coisa porque o conhecia bem e sabia que quando Ele cismava com algo e decidia que ia conseguir, nada podia detê-lo. Ele sempre fazia o que queria, pintava e bordava, mexia com tudo, mas não recuava. Então, Xangô decidiu ir a uma tourada. Ia ter uma grande festa. Vestiu-se inteiramente de vermelho e branco e foi ao encontro do touro. Ele sabia que os touros não gostavam de vermelho. Iemanjá e Orixalá sabiam que Ele não podia vencer porque nunca havia sido toureiro. Pensaram que ia ser morto. Mas Ele foi em frente, apesar de que ninguém acreditava que poderia sair-se bem. Chamou o touro e abriu sua capa para mostrar o vermelho. O touro olhou, balançou e correu para cima dele jogando Ele no chão. Quando se levantou, frente à multidão espantada que se havia reunido para olhar, correu para casa e buscou seu *oxé* [o machado duplo de Xangô]. Voltou e chamou o touro novamente. Desta vez, todo mundo estava certo de que Ele seria morto. Mas Ele repetiu o que tinha feito antes: esperou com o *oxé* na mão e, assim que o touro ficou perto, bateu diretamente entre os chifres. O touro abriu a boca na hora e Xangô pisou em cima dele: havia derrubado o touro e só com um toque entre os chifres! O povo então aplaudiu entusiasmado e Ele pegou o touro, carregou para casa e deu para Iemanjá: "é para nós comer". E essa é exatamente a forma em que os bois são sacrificados nas obrigações de Xangô: com três pequenos golpes entre os chifres.

A extravagância, o engenho e a popularidade de Xangô contrastam com a prudência e o bom senso dos seus pais. Uma vez mais, o seu interesse pela comida e a sua capacidade de alegrar a todos é o centro da ação. A simpatia que esbanja faz esquecer os métodos que usa:

Xangô não tem idade, ele nunca perde a animação. Ele não conhece tristezas, tudo com Ele é na alegria. Ele não quer saber de problemas, de coisas desagradáveis: com Ele tudo é na brincadeira.
Na casa onde um filho de Xangô mora, cinco, seis, sete pessoas podem chegar que sempre haverá comida para elas. Ele atrai gente. Há alguma coisa nele que chama as pessoas, que faz as pessoas aproximarem-se deles.

O Ciclo da Competição de Xangô e Ogum pelas mulheres.

O motivo da briga de Xangô e Ogum pela coroa desdobra-se também na competição dos dois santos pelas mulheres do panteão. De fato, eles lutaram tanto por causa de Iansã quanto por causa de Oxum.

Sexto Episódio: Onde se relata como Xangô ganhou Iansã de Ogum numa luta.

Xangô e Ogum também lutaram entre eles para conseguir Iansã. Eles se encontraram no campo de batalha. Ogum veio armado da cabeça aos pés, carregado de ferros, completamente vestido com uma armadura metálica, capacete e todo tipo de proteção. Xangô, que sempre fez as coisas por impulso e não toma providências, veio sem nada, somente trouxe uma pequena pedra na mão. Ogum estava tão furioso que era impossível aproximar-se dele. Então Xangô jogou a pedra e surgiram chamas. Ogum pegou fogo porque a pedra era o corisco, o meteorito que é a pedra de Xangô. Assim, Xangô ganhou Iansã: Ele venceu a batalha por meio da magia dele. De fato, Ogum foi um santo guerreiro, enquanto Xangô foi um santo briguento e brigou mais que Ogum. Xangô foi um espadachim, um cavaleiro. Pelo contrário, Ogum foi um orixá mais feroz, um orixá que estava sempre no interior da floresta caçando, lutando para sobreviver, enquanto Xangô ficou sempre desfrutando da boa vida, zombando o tempo todo, debochando o tempo todo. Xangô foi um santo de mais sociabilidade, o protegido da mãe e do pai, o mais mimado.

Na vitória das forças sobrenaturais milagrosas sobre as ferramentas industriosamente produzidas, da impulsividade contra a determinação e o esforço, da improvisação contra o planejamento achamos, mais uma vez, a boa estrela de Xangô derrotando o mérito.

Ogum é um santo guerreiro, um guerreiro profissional. É autônomo, autoritário e o mais viril dos santos.
Ogum leva tudo a sério. Na sua presença (durante a possessão) qualquer um pode ver a força de alguém que é determinado, sistemático, que luta por conseguir o que quer, que está disposto a seguir na luta até alcançar, e para quem não há barreiras que o possam deter. Com sua força de vontade e espírito de luta, Ele supera qualquer obstáculo que possa haver em seu caminho. Ele ganha pela perseverança e enfrenta qualquer dificuldade.

> *Os filhos de Ogum nunca se desviam ou desistem do seu propósito original: nada consegue distraí-los, nada muda sua cabeça nem seu objetivo.*
> *Os filhos de Ogum conseguem tudo a que se propõem com seu esforço. São batalhadores e não trazem derrota para casa. São lutadores incansáveis. Ogum é um santo trabalhador, esforçado. Tudo com Ele é com trabalho. Ogum é um santo do trabalho humano, das ferramentas, dos utensílios de metal feitos pelo homem e que lhe servem em todas as suas tarefas: carros, aviões, bisturis, rádios, tudo pertence a Ele. Ogum representa o trabalho das próprias pessoas: o martelo, o prego.*

Frente ao capricho da fortuna, determinação e espírito precavido não bastam. Xangô é o protegido pela sorte e nada mais conta:

> *Xangô é um santo briguento: Ele briga por impulso, mas não é um guerreiro profissional. Ele é um cara esperto, rápido, desconfiado das coisas.*
> *Xangô pertence à natureza como o raio, o trovão, o meteorito: eles vêm da natureza, ninguém criou eles. Xangô representa os impulsos poderosos, arbitrários, caprichosos da natureza. Tudo o que é dele é conseguido desse jeito: com um golpe de sorte, com ajuda sobrenatural, com o poder mágico.*

Mas, não é só na batalha que Xangô toma as mulheres de Ogum. Acontece que os filhos de Xangô sabem ser delicados, afetuosos, enquanto que os de Ogum:

> *... são fechados, não fazem nada para adaptar-se nem para tornar-se agradáveis. São muito rudes e não sabem como ser delicados. Não fazem concessões.*
> *Ogum é um santo solitário, que vive sozinho na floresta. Não sabe conviver com ninguém. Ele está só na luta dele, lá, como um homem pré-histórico [alusão freqüente ao fato de que é o filho mais velho e seu corpo é coberto de pelos] que tem que caçar cada dia para comer, que tem que se defender o tempo todo das feras, dos animais selvagens.*

Estas e outras diferenças de personalidade tiveram peso na hora de Xangô levar também Oxum:

Sétimo Episódio: Onde se conta como Xangô ganhou Oxum de Ogum graças ao seu charme e à sua riqueza.

> Xangô já era casado com Iansã, mas Ele viu Oxum uma vez: uma mulher muito bonita, com os cabelos louros e, de fato, tudo o que Xangô viu e desejou sempre veio às suas mãos, porque Xangô é o santo da seita com a magia mais forte. Então, ele começou a persegui-la. Ela era mulher de Ogum, mas Ogum era pobre e Xangô era o rei: Ele tinha dinheiro e poder, enquanto Ogum era só um caçador e não tinha muito para oferecer a Oxum em sua vida juntos. Xangô era um belo negro de olhos verdes. Então, Ele foi atrás até que conseguiu falar com Ela: "se você ficar comigo eu vou colocar um tapete de ouro sob teus pés para você nunca

> mais pisar no chão. Todas as minhas riquezas são tuas!" Oxum viu que Ele era rico e charmoso e foi só ouvir Xangô falar em ouro que deixou Ogum e foi-se embora com Xangô. Xangô é exatamente o tipo de pessoa que Ela gosta. Xangô é louco por Oxum e Oxum por ele. E cada mulher que Ogum teve Xangô tomou dele.

Neste novo confronto, emerge o perfil de Oxum que, como veremos, concentra na sua pessoa os papéis de mãe criadeira, filha favorita do pai e amante perfeita:

> *Oxum gosta de homens, é namoradeira e se sente sozinha se tem uma pessoa só na vida.*
> *Oxum só quer riquezas, conforto e segurança. Ela é a rainha do ouro.*
> *Os filhos de Oxum gostam de desfrutar de luxos sem ter que investir esforço ne-*nhum em consegui-los. Têm uma mente prática e sempre tentam o *caminho mais fácil.*
> *As filhas de Oxum são vaidosas, amostradas. Gostam de sair bem vestidas, perfumadas, para serem olhadas por todo mundo. Oxum gosta de um balangandã.*
> *Oxum é convencida, é faceira e tem distinção. Oxum tem classe.*

Por estes atributos de seu caráter, Oxum acabou preferindo Xangô. Ogum, porém, responsável e viril como Ele é, perseverou, apesar da derrota, no cumprimento de seus deveres.

Oitavo Episódio: Onde se relata que Ogum teve que alimentar Oxum ainda depois de ela estar morando com Xangô.

> Ogum é um santo responsável com um forte sentido do dever e Oxum vivia com Xangô e estava com muita fome. Xangô, que estava interessado só em comer galo com beguiri [a comida ritual de Xangô], dava a Ela muito ouro, muitas roupas bonitas, uma casa linda mas, à hora de comer, dizia: "Ela tem que comer a minha comida" e, com isto, Oxum continuava passando fome porque beguiri não é comida dela. Um dia em que Xangô não estava em casa, Ela estava muito bonita na varanda: muito linda, muito elegante, muito chique, mas faminta. Ogum passou a cavalo levando umas lindas galinhas amarelas [a comida ritual de Oxum] e lhe disse: "Oh, rainha Oxum, bela como você é, por que você chora?". Ela respondeu: "Xangô me dá de tudo, menos meu *gingê* [comida em Iorubá], e Oxum está faminta". Ele então disse: "Se você não morreu até agora, minha filha, você já não vai morrer, toma estas galinhas para você". Ela pegou as galinhas, correu para dentro de casa, cozinhou e comeu. Quando Xangô regressou, achou Oxum feliz e de barriga cheia. Ele disse: "Só pode ter sido Ogum"; tomou seu machado e foi brigar com Ele. Quando o viu, estava passando por uma ponte na parte mais larga do rio.
> Tentou começar a luta, mas Ogum, que é muito maduro, disse a Ele que não queria briga, que tinha dado comida a Oxum porque Ela era uma rainha e não

podia morrer de fome; que jóias, roupas e uma casa não eram as únicas coisas importantes, que Oxum tinha que comer a comida dela. Então Xangô disse que Ela era a mulher dele e, portanto, Ele era dono de tratá-la do jeito que quisesse e Ela tinha que conformar-se com beguiri, roupas e jóias. Ogum não concordou, mas insistiu em não brigar. Xangô, perdendo a paciência, jogou-lhe o machado, mas Ogum se protegeu. Então Ogum novamente argumentou que não queria brigar, que Ele deu as galinhas a Oxum sem segundas intenções e que, sendo Xangô o filho preferido de Iemanjá, Ele, Ogum, não faria nada que pudesse causar sofrimento à mãe de ambos, entrando numa guerra contra o filho que Ela gostava mais. Mas Xangô começou a atacá-lo e só quando Ogum viu que estava a ponto de ser ferido, lançou sua espada sobre a perna de Xangô. Quando puxou a lança Xangô ficou na ponte com a metade do corpo do lado de fora, tremendo de medo de cair na água e pedindo ajuda – a água estava estragando seu charme! [Xangô tem pavor de água] – e Ogum correu para o palácio para falar com Iemanjá e informá-la do que havia acontecido. É por isto que alguns Xangôs, ao descer [em possessão], são coxos de uma perna. De fato, Ogum é muito responsável e respeitoso de seus deveres.

Mais uma vez, o confronto que ilumina algumas dimensões novas da diferença entre os dois irmãos e aprofunda a descrição das veleidades caprichosas de Xangô contra os rigorosos princípios de Ogum:

Os filhos de Xangô são muito preguiçosos, descansados. De fato, apesar de ele ser elétrico, nervoso, Ele é igualmente preguiçoso: uma vez que comeu, que encheu a barriga, o resto do mundo que se dane.
Os filhos de Xangô esquentam logo e explodem sem medir as conseqüências. São impetuosos, violentos, exagerados: se agitam por pouca coisa. A raiva dele é uma explosão, mas passa logo e Ele esquece a ofensa facilmente: esquece a sua raiva com a mesma facilidade com que perde a calma.
Xangô é arbitrário. Se Xangô está do seu lado, ajudando você, e alguém vem e oferece mais para Ele, Ele o deixa e vai embora com a outra pessoa: Xangô dá mais a quem lhe oferece mais. Xangô vem na sua ajuda quando convém a Ele. Ele fica do lado até de quem não tem razão e não quer saber, sempre que você cubra Ele [de oferendas rituais ou de presentes].

No entanto

Se Ogum jura lealdade, Ele fica do seu lado até o fim, para o que der e vier. O que Ogum dá é certo, duradouro. Os filhos de Ogum são decididos e tudo com eles tem que ser certo, correto. Eles costumam sair na defesa dos outros, entrar em brigas para defender alguém. Quando você tem alguma coisa difícil a fazer, se você fixa o pensamento em Ogum, você encontra forças para vencer as dificuldades.
Ogum é "machão" mas também é paciente: lhe dá uma segunda oportunidade, lhe dá tempo para se recuperar. Os filhos de Ogum são reservados. Não gostam de brincadeiras nem de anarquia. Não são muito amáveis nem convidativos. Não se envolvem em violência facilmente, mas quando o fazem se tornam ferozes e não perdoam. Ficam com o mesmo assunto na cabeça por muito tempo. Ogum é

um santo "pesado": se Ele tem que matar, Ele mata; Ele sempre faz o que deve fazer.

Cabe esclarecer, contudo, que, apesar de sua estrela, Xangô tem seus pontos fracos, seu lado vulnerável porque, de tão impulsivo,

... pode tornar-se torpe, desajeitado, descontrolado.

e de tão cobiçoso,

Xangô está sempre faminto: nada o satisfaz. Ele é guloso, glutão. Gosta de comer, gosta de mulheres, gosta do poder, gosta de se divertir. Xangô é insaciável, ambicioso, sempre quer mais.

E foi assim que, por uma única vez, Xangô foi vencido pela capacidade que Ogum tem de planejar a ação:

Nono Episódio: Onde se relata como Xangô perdeu uma mulher para Ogum por causa de sua gula.

Somente uma vez Ogum conseguiu tomar uma mulher de Xangô, e foi por causa da gula de Xangô: Ogum mandava constantemente presentes a Xangô, mas Xangô devolvia todos eles dizendo que não estava interessado – Xangô é, na verdade, bastante desconfiado das coisas – até que um dia, Ogum lhe enviou uma cesta enorme cheia de quiabo. Assim que Xangô viu o quiabo se sentiu muito feliz e satisfeito e foi imediatamente comê-lo, esquecendo a mulher. Ogum então tomou-a e fugiu com ela.

O Ciclo de Xangô e suas Mulheres e da Guerra aos Malês

Xangô viveu então, à sua maneira, com suas mulheres. Oxum – como já disse – foi para Ele, por sua docilidade e indulgência, a amante perfeita:

Décimo Episódio: Onde se conta como Oxum agüentou tudo de Xangô e ficou com Ele.

Oxum é muito feminina, muito inocente; as filhas de Oxum, quando gostam de um homem, não querem nem saber se ele é ou não é casado, elas gostam e isto é o único que conta para elas: Oxum foi de Xangô e ficou para sempre com Ele e Xangô nunca a abandonou, embora Ela sempre soubesse que Ele tinha esposa (Iansã) e que Ele tinha ainda uma outra mulher (Obá)

As qualidades de Oxum são as mais apreciadas pelo próprio Xangô e pela maioria do povo do santo:

> *Os filhos de Oxum perdoam facilmente; eles esquecem a sua raiva imediatamente. São indulgentes e podem ser contentados facilmente.*
> *Os filhos de Oxum são facilmente magoados mas não ficam irados ou chateados se alguém maltrata eles e esquecem logo. Oxum é tranqüila. Se alguém a faz sofrer, Ela dá rapidamente a volta por cima. Nunca pára para olhar para trás ou lembrar a má sorte. A arma principal de Oxum é a sua habilidade para "fazer a vista grossa". Ela se amolda a tudo e aceita tudo.*
> *Os filhos de Oxum evitam qualquer enfrentamento. Se eles têm que dizer a você* alguma coisa desagradável, *eles tentam sempre adiar o momento. Se eles decidem falar com você sobre alguma coisa que você fez errada, falam, para imediatamente tentar achar a maneira de você esquecer o que falaram, para não deixar você com mágoa. Oxum é complacente.*
> *Oxum se amolda aos desejos e às expectativas dos outros. Oxum é ingênua, infantil, manhosa, cheia de dengo.*

Além do mais, se alguma vez o ciúme lhe causou alguma perturbação, Ela resolveu sozinha e Xangô nem ficou sabendo.

Décimo Primeiro Episódio: Onde se relata como Oxum soube tirar do caminho sua rival, Obá, dando-lhe o conselho errado.

> Oxum é muito viva e sabe como usar seu engenho para conseguir o que Ela quer: certa vez, Obá [que foi outra concubina de Xangô] perguntou a Oxum o que foi que Ela fez para Xangô ficar tão apaixonado por ela. Oxum prometeu-lhe então que iria passar-lhe o segredo para atrair Xangô. Aconselhou-a a cortar uma orelha e cozinhá-la na comida de Xangô para não perdê-lo mais. Obá seguiu o conselho e ficou aleijada. Oxum, que é muito astuta, lhe deu a dica errada.

Porque

> *Os filhos de Oxum têm atração sexual, são faceiros, caprichosos e pensam que só eles é que têm direito.*
> *As filhas de Oxum têm muita "chama" para homens e sabem muito bem como atraí-los: fazem um gesto e um admirador aparece. São muito bem-sucedidas em questão de amor.*
> *Oxum tem muita imaginação, sempre sabe encontrar uma solução engenhosa para qualquer problema. Ela sempre encontra algum meio para conseguir o que quer: "rebola, dá capoeira e resolve". Oxum é esperta, ágil, rápida.*

No caso de Iansã, Xangô encontrou algumas dificuldades que não teve na sua relação com Oxum. Em primeiro lugar, foi pela força que Xangô conseguiu dobrar a intransigência de Iansã.

Décimo Segundo Episódio, versão a): Onde se conta que Xangô teve que conseguir Iansã pela força.

Xangô foi até o palácio de Iansã porque queria Ela. Ele teve que lutar contra todos os Exús de Iansã [Exú é, às vezes, servente, às vezes, porteiro e, às vezes guarda] para consegui-la porque Iansã é uma santa muito difícil e não queria se render a Xangô. Os filhos de Iansã são sempre muito altivos, muito orgulhosos. Então Xangô disse para si: "eu vou ter Ela", e chegou lá e venceu todos os Exús. Finalmente, quando Ela viu Xangô derrubando todo mundo, Ela disse: "podem deixar Ele entrar, podem deixar Ele entrar" E Ele entrou, mas só quando Ela viu que Ele estava a ponto de vencer seus Exús e entrar no palácio de qualquer jeito.

Desta maneira, através de Xangô e seus caprichos, Iansã, a estrangeira, se incorpora à família de Iemanjá como um santo temível e dotado de um forte sentido da honra.

Iansã é um santo com muito fundamento, um santo que não gosta de muita brincadeira. Ela é vingativa, um santo guerreiro, um santo de muita responsabilidade. Os filhos de Iansã são altivos, autoritários.

Portanto, não foi sem fazer exigências que Iansã, finalmente, concedeu unir-se a Xangô num casamento peculiar. É neste mito, justamente, que, frente à figura caprichosa de Xangô, começa a tornar-se clara a dimensão do contraste entre os perfis de Iansã e Oxum.

Décimo Segundo Episódio, versão b): Onde se mostra que Iansã, diferentemente de Oxum, impõe suas condições, não se deixa enganar:

Xangô estava um dia andando a cavalo quando viu um palácio. Ele disse para si: "eu vou para lá". Chegou e perguntou ao porteiro quem era o dono, e o porteiro respondeu: "pertence a Oiá [nome Iorubá de Iansã]. E Ele disse: "eu quero falar com Ela", mas o porteiro respondeu: "não é possível". "Mas eu quero falar com Ela!" insistiu Xangô. Então, o porteiro entrou para averiguar e contou para Iansã que lá fora estava um cavaleiro, um rei, pedindo para vê-la. Ela, então, chamou Xangô para entrar. Mas quando Ele entrou e fez uma reverência em frente dela, Ela imediatamente sentiu aquele cheiro [cheiro de carneiro, animal que Xangô come em oferendas e de que Iansã não gosta]. Então, Xangô lhe perguntou se queria casar-se com Ele. Ela perguntou onde Ele vivia, e Ele disse: "no *vudun sobo*" [nome Gege da morada dos orixás). Ela falou então: "Isto é a terra de Taipa [Iansã é uma estrangeira]; agora, me diz qual é seu *gingé* [comida]". *"Curi agbô"* [carneiro], disse Xangô. Portanto, Ela disse: "não, eu não quero me casar com você porque você come "isso" [Ela não pode nem pronunciar o nome]. Mas ofereceu-lhe uma solução intermediária: aceitou casar com Ele só se Ele, cada vez que estivesse a fim de comer, concordasse em ir para a terra dele e ficar três meses por lá antes de voltar para casa. Xangô aceitou e eles casaram. E essa é a razão que se diz por que Xangô é o marido de Iansã: Eles são casados, mas não vivem juntos. E essa é também a razão pela qual Oxum é sua concubina.

E é por isto que se diz, sem muita admiração, que

As filhas de Iansã não têm muita sorte com seus casamentos: elas não aceitam nenhuma transgressão por parte dos maridos. Condenam todos os erros sem deixar passar nada. Quando se desgostam, não vão com falsidade: podem deixar um homem por outro, podem afastar o homem delas. Por isto, as filhas de Iansã são propensas a ficar sozinhas, ainda que sejam bem casadas: são muito independentes e impetuosas.

Contudo, nesta relação, Iansã acabou sofrendo algumas transformações e se feminizou. Desde então, a androginia de Iansã ficou submersa num corpo e num rosto de mulher:

Décimo Terceiro Episódio:

Antes Iansã era a mulher de um guerreiro, Ogum, e era Ela mesma um santo guerreiro. Ela era muito agressiva e só mais tarde tornou-se mais feminina, em conseqüência de sua relação com Xangô. Porque Xangô é um cavaleiro muito cortês, muito galante: Ele é popular, muito sociável e um paquerador. Com certeza, Xangô foi o orixá que teve mais mulheres. Ele era considerado um namorador. Iansã foi originalmente homem, e Ela era rei. Ela é o *harmatã* [vento] em chamas. Ela é o orixá do fogo, e Ela é o fogo e o vento, Ela mesma. Hoje o aspecto masculino dela é o raio, o meteorito (Xangô).

Diz-se dela e de seus filhos;

É possível ver a feminilidade de Iansã no seu rosto, apesar de todo seu poder: você vê no retrato de Santa Bárbara os traços do belo rosto de uma mulher. Contudo, também é possível ver que se trata de uma mulher forte. A sua beleza é a beleza dos fortes, uma beleza que revela poder. Uma beleza diferente da graça caprichosa de Oxum ou da meiguice de Iemanjá. Se trata de uma beleza fechada e mais grave.
Iansã é um santo muito masculino. Ela é o aspecto feminino de Xangô.
Iansã é uma mulher extremamente forte no seu poderio. Ela tem a seu cargo a mais masculina de todas as tarefas: dominar os espíritos dos mortos. Ela comanda os espíritos masculinos e femininos, portanto, Ela é mais forte que os homens. Ela é forte porque Ela lutou em muitas guerras. Lutou mais que muitos homens: é um santo guerreiro. Ela, como Joana d'Arc, foi uma mulher guerreira.

A descrição das diferenças entre Oxum e Iansã é aprofundada ainda mais com relação ao desempenho de cada uma delas na guerra que Xangô decidiu empreender contra os Malês:

Décimo Quarto Episódio, versão a): Onde se relata que Oxum não aceitou ir à guerra para ajudar Xangô:

Se uma filha de Oxum vem , rebola e faz amostração, a filha de Iansã entra a competir com ela, porque cada uma tem muito ciúme da outra. Elas não se dão bem, Elas têm muito ciúme por culpa de Xangô . Elas já brigaram muito por causa de Xangô. Xangô tomou o palácio de Orumilá para roubar Oxum e Xangô levou Oxum com ele. Mas quando Ele teve que sair para reconquistar sua própria terra, que estava nesse tempo nas mãos dos Malês, Ele dependeu de Iansã. Foi por isso que Iansã sempre fez Xangô se humilhar na frente dela, sempre fez Ele dizer que necessitava da ajuda dela para conseguir tomar de volta sua terra dos Malês. Porque os Malês não queriam nem escutar falar de devolver a terra. Contudo, quando Xangô arrombou o palácio de Orumilá, enfrentou os Exús e fugiu com Oxum, Iansã, zangada com Ele, fez Ele perder a batalha contra os Malês. Ele havia chegado para eles com muita arrogância e os Malês lhe responderam: "nós não queremos nem saber quem é você, nós nunca vimos você antes". Então, Ele teve que voltar e ir consultar o oráculo de Orumilá, e Orumilá lhe disse que Ele ia ter que depender de uma mulher para ganhar. Ele pensou que essa mulher seria Oxum, mas não era Ela: Oxum se excusou respondendo que não gostava de brigas. Ela disse: "eu quero paz, não quero guerra; eu só quero é tranqüilidade". Portanto, Ele só pôde recorrer a Iansã, e Iansã foi com Ele. Então, Ele voltou para a terra dos Malês e a segunda batalha foi uma batalha astral, porque Iansã chegou lá às portas da cidade, levantou sua espada [o atributo de Iansã], e tudo o que tinha ao redor foi alcançado pelo relâmpago e o trovão, e o vento soprou como se o mundo estivesse a ponto de acabar. E quando a tormenta e o vento causados por Iansã pararam, Xangô estava sentado lá, em cima de um morro onde tinha muitas ovelhas, muitos carneiros e muitas cabras [a comida dos diferentes orixás] e os Malês estavam todos prostrados em frente dele. Oxum só liga para charme, siririca e dengo: enquanto as outras mulheres de Xangô estavam trabalhando para Ele, arriscando a vida por Ele, indo à guerra para ajudá-lo, Oxum ficou fazendo nada, Ela se recusou a ir para a guerra com Ele.

Fica esclarecido, para evitar possíveis mal-entendidos, que de Oxum, apesar de ser amiga solidária, não se pode pedir sacrifícios. Oxum é quem gosta das horas leves de um cotidiano agradável e é, contudo, do lado de Oxum e não de Iansã que – aos olhos do povo –, em última instância, a fortuna fica:

Os filhos de Oxum são habilidosos, não são preguiçosos. Mas eles somente aceitam serviços leves, não se prontificam para enfrentar qualquer tipo de desafio para realizar qualquer tarefa.
Os filhos de Oxum se solidarizam com você, ficam do seu lado, mas vão só até a metade do caminho: não se arriscam demais para ajudar você; quando vem o primeiro obstáculo, eles voltam. São confiáveis, mas não gostam de situações difíceis.
Os filhos de Oxum são espontâneos, fáceis de tratar, populares. Eles alcançam tudo com facilidade e sem esforço. Eles gostam de levar uma vida tranqüila, agradável, sem angústias.

Em contraposição, o papel de Iansã é elaborado com mais detalhe na seguinte versão do mesmo episódio.

Décimo Quarto Episódio, versão b): Onde se conta que foi graças à cooperação de Iansã que Xangô ganhou a guerra contra os Malês.

> Geralmente, todas as nações reconheciam Xangô [como rei]: o povo de Nagô, o povo de Xambá... . Mas os Malês [que são muçulmanos] não o reconheciam. Então, Ele foi lá, na cidade dos Malês para deixar alguém da sua família lá. Mas quando Ele chegou, os Malês não aceitaram: "aqui não, aqui somos todos de um mesmo sangue, ninguém que seja diferente entra aqui, nós somos um outro povo!" Xangô não gostou; Ele já tinha estabelecido sua gente em todas as partes, então por que esse povo ali não aceitava Ele?. "Não, aqui todos pertencem à nossa nação!" Xangô então foi-se embora, mas, assim que chegou à casa dele, chamou Iansã, contou-lhe que tinha sido rejeitado e lhe perguntou se Ela estaria disposta a acompanhá-lo para a guerra. Iansã aceitou na hora, fixaram a partida para o dia seguinte e saíram pontualmente. Iansã foi na frente e Xangô atrás. Iansã, aquela mulher enorme, ia completamente coberta de fogo, com relâmpagos saindo dela em todas as direções. E Xangô, o trovão, ia atrás, com os coriscos, [o meteorito de Xangô] caindo em volta dele. Eles foram em frente. Os coriscos iam destruindo os Malês de tal forma e a terra e todas as coisas tremiam tanto, que pensaram que o mundo ia acabar. Eles viram Iansã frente a eles, lançando o raio, o relâmpago, o trovão e os meteoritos, mas, quando levantaram os olhos para ver, reconheceram Xangô e compreenderam que era Ele que estava chegando. Enquanto ia chegando, perguntou: "então?". Os Malês rogaram a Ele que parasse a tormenta, mas Ele respondeu: "como fica, então, vocês me aceitam ou não?" "Por favor, venha você e toda a sua família, se você quiser. Você pode mandar em todo mundo, se quiser, todo mundo!: nós não queremos ser destruídos!". Então, Xangô se instalou na cidade dos Malês também e, a partir dali, tem Xangô em todas as nações. E foi também para poder ficar entre os Malês que Xangô deixou de comer porco. Antes disso, Xangô comia porco [nas oferendas rituais], mas era tão forte sua vontade de entrar na nação malê que teve que abrir mão de comer porco para sempre. E essa é também a razão pela qual a toada que diz: *"obá oló odó, ê malê ê malê"* não pode jamais ser cantada na frente dele. Ele não gosta dessa toada porque ela conta como Ele rejeitou [os costumes de] sua própria nação para tornar-se Malê".

Fica claro que, diferentemente de Oxum, as virtudes do esforço e do mérito que caracterizam Iansã levam implícito um destino de dificuldades e infortúnios:

> *Iansã é quem vai à frente nas demandas: é Ela que corta o mal. Iansã protege e dá ajuda ainda que isto a leve a situações de perigo e dificuldades.*
> *Os filhos de Iansã se lançam com resolução e sem reservas a qualquer tarefa, aceitam qualquer desafio. Eles encaram as coisas sem duvidar da sua capacidade nem de suas forças para alcançar seus objetivos: jamais hesitam na frente de obstáculos, sempre vão em frente até o fim. São destemidos. Sabem exatamente o que querem e estão dispostos a sacrificar-se na luta para consegui-lo. Estão sempre prontos a esforçar-se além das suas possibilidades.*
> *Todos os seus filhos têm uma certa força, uma capacidade de agüentar, de resistir às dificuldades. São terminantes, firmes em suas decisões. Não retrocedem frente aos problemas, mas enfrentam-nos até o fim.*

> *Iansã é um santo lutador. Ela é um santo batalhador com maneiras femininas. Os filhos de Iansã encaram a vida como uma batalha permanente: apesar de ser um homem, Xangô não tem coragem de ir até onde Iansã vai [alusão à incapacidade de Xangô de entrar no quarto dos mortos, onde Iansã é rainha].*
> *Os filhos de Iansã podem ser violentos; quando é preciso lutar, Ela o faz sem medo das conseqüências. Ela é danada, intransigente. "Não dá colher de chá".*
> *Os filhos de Iansã têm critério, têm opiniões definidas sobre as coisas e são comprometidos.*
> *Iansã não pede opinião de ninguém. Não é mulher fácil. Não é mulher molenga, que gosta só do fácil. Ela é "lutadera" e não mede esforços para conseguir o que quer.*

Ela é a companheira de luta de Xangô e o correlato astral de seus extraordinários poderes:

> *Xangô é o santo do trovão, do trovão que vem sempre acompanhado pelo raio: eles sempre vão juntos. Com eles, o meteorito cai rasgando a terra, rachando a cajazeira em dois, fazendo tremer as pedras de Xangô lá embaixo, produzindo aquele ruído rouco. O meteorito é o "corisco", a pedra de Xangô [o seu assentamento ritual]. Na tormenta, a pedra de Xangô treme como se estivesse sentindo a comoção do trovão. Essa tormenta, essa comoção é a qualidade de Xangô. Xangô é uma força muito potente. Ele tem esse ímpeto, essa explosão, essa vitalidade.*

Um Xangô sempre vence graças à ajuda sobrenatural que recebe e aos seus poderes mágicos e, para conseguir aquilo que deseja, está disposto a tudo, inclusive ao sacrilégio maior de mudar de hábitos alimentares, se considerarmos que as "obrigações" rituais de oferendas de comida são o componente mais fixo e preservado do complexo nagô.

O Ciclo de Xangô e a Morte

> *Ele é um santo jóia, um santo muito divertido: só quer comer, beber e divertir-se. Se pintar uma doença, Ele escapa e não quer mais saber de você.*

Foi também graças à intervenção de ajudantes cósmicos e à sedução que Ele sempre exerceu sobre as mulheres que Xangô conseguiu fugir da morte e, uma vez mais, um truque salvou-o de uma situação que não parecia ter saída. É por isto que tristezas, derrota e morte jamais são associadas a Xangô:

Décimo Quinto Episódio: Onde se relata que Xangô não morreu.

> Xangô e Iansã permaneceram juntos até o fim. Ele também manteve Oxum. Só que Elas duas morreram antes que Ele. Xangô era um famoso mestre de esgrima

e foi traído. Sua fama como um grande espadaxim havia-se difundido muito e um dia três sujeitos desconhecidos vieram de longe dizendo que queriam aprender com Ele. Mas Xangô é desconfiado das coisas, pressentiu a traição e começou a lutar com eles. Antes de começar, os homens acenderam um fogo atrás do lugar onde seria a briga, para empurrar Xangô até lá. Mas Xangô se defendia e devolvia os golpes: "toma esta! e esta!" Mas eles eram três contra um e forçaram Ele na direção do fogo. Quando Ele finalmente compreendeu que estava por ser derrotado, chamou Oxum e Iansã. Iansã soltou o relâmpago, Oxum mandou as águas, e ambas subiram seguidas por Ele. Foi encantado e os outros continuaram procurando Ele até hoje. Por isso, se fala que Xangô não morreu nem foi enterrado embaixo da terra: Xangô está sob um encantamento mágico. Xangô jamais morreu.

"Não morreu e não foi enterrado" diz o povo, porque

Xangô não gosta de nada encoberto, de nada oculto. Ele tem aversão a lugares escondidos, covas, buracos, e tudo o que tem a ver com o mundo de baixo, com o mundo dos mortos. Ele tem aversão a cemitérios, a espíritos de Macumba, a mortos e a qualquer coisa relacionada com a morte. Ele gosta das coisas claras, abertas; o negócio dele é alegria: sempre está disposto a cair na gargalhada.

Sua relação com a morte é explorada de outro ângulo no seguinte episódio (para uma análise exaustiva dele ver Carvalho, 1988).

Décimo Sexto Episódio: Onde se descreve o espírito incrédulo de Xangô.

Xangô evita qualquer aproximação com os mortos e jamais entra no quarto de *balé* [onde os *eguns* ou espíritos dos ancestrais do culto permanecem fixados e recebem oferendas de alimentos]. E é assim que uma vez os *ojés* [sacerdotes a cargo do culto aos eguns] convidaram Ele a entrar no quarto de balé e participar com eles dos rituais. Lá dentro, Xangô pôde ver e inspecionar tudo o que tinha, observou como as coisas eram feitas e acompanhou com atenção tudo o que eles fizeram [trata-se do aspecto mais secreto da tradição nagô]. E aconteceu que, assim que Ele saiu de lá, falou para todo mundo o que tinha visto [não revelarei aqui o que Xangô contou]. Por isto, os ojés expulsaram para sempre Xangô da sociedade deles e foi banido de voltar a entrar no quarto de balé. Foi assim que Xangô perdeu todos os seus privilégios na sociedade dos eguns e ficou proibido de pronunciar seu nome no quarto de balé, porque Ele agiu como um *ofidã* [alguém que não acredita, alguém que duvida]. Desde então, sua patente [de rei] não significa nada lá dentro.

A partir do ceticismo irreverente, da curiosidade iconoclasta do herói descritos neste mito, várias extrapolações são feitas pelos membros do Xangô. Basicamente, aponta-se para o seu perfil de cientista, de "pesquisador" – que observa o que não pode e fala o que não deveria:

Os filhos de Xangô são muito inteligentes, muito rápidos, muito desconfiados das coisas. Têm a mente aberta. Eles gostam de experimentar, de provar as coisas.

Eles têm a tendência a duvidar: para acreditar, eles querem ver a evidência, eles querem ter provas.
Por tudo isto, um filho de Xangô pode ser um pesquisador, alguém que lê, que estuda, que averigua, uma pessoa que só acredita naquilo que pode ver e tocar com suas próprias mãos.
Mas Xangô fala muito, fala demais, fala o que sabe, o que não sabe e o que ainda está por saber. Ele diz qualquer coisa que cruzar na sua cabeça, faz uma barulhada danada.

O Ciclo de Oxum, Iansã e Orixalá

Na complexa trama destas articulações, um núcleo muito fértil em significados se forma em torno do vínculo que existe entre o pai, Orixalá, e a filha mais nova, Oxum. Este vínculo apresenta uma certa simetria com aquele que une a mãe, Iemanjá, com o filho mais novo, Xangô.

Décimo Sétimo Episódio: Onde se descreve Oxum como a filha adotiva que se tornou a preferida do pai.

> Oxum foi sempre mimada, sempre protegida: alguns dizem que Ela foi a neta de Orixalá e não a filha como muitos acreditam; outros dizem que Orixalá criou Ela mas não foi o verdadeiro pai. Ela é uma filha roubada e é a menina dos olhos do Velho: a preferida. Ele é devotado a Ela e faz qualquer coisa que Ela quer. Se fala que Orixalá não foi o pai de Oxum. O pai de Oxum foi de fato Orumilá. Mas Orixalá adotou Oxum e Ela foi uma filha muito boa para Ele. Ela foi quem tomou conta do ancião. Ela cuidou dele com muita dedicação, com muito amor. Era Ela quem preparava seu banho, quem cuidava de suas roupas, quem lavava para Ele, quem preparava suas comidas e tomava conta de tudo. Ela era a menina dos olhos de Orixalá e, por isto, qualquer coisa que você deseja obter de Orixalá, você pode pedir no nome dela que você consegue.

É colocada em relevo a capacidade que Oxum tem de cuidar do bem-estar dos outros, de promover o conforto das pessoas que estão ao seu lado, capacidade esta que jamais leva Oxum a sacrificar-se em esforços prolongados e, na fala do povo do culto, é associada aos seus talentos domésticos:

Os filhos de Oxum são muito divertidos, muito leves, muito afetuosos, e estão sempre procurando ser mimados. Eles são também chorões.
Eles têm também um dom natural e não aprendido para cozinhar, costurar e todas as habilidades domésticas. Oxum gosta de tudo muito limpo, tudo muito caprichado. Ela cuida dos detalhes.
Todo mundo gosta dos filhos de Oxum: são muito vivazes, muito ativos, sabem dar conta de qualquer recado. Eles sabem atrair o povo.

A docilidade e subserviência de Oxum em relação à figura paterna, como no caso de sua relação com Xangô, granjeiam-lhe amor e proteção e, segun-

do a opinião dos seguidores do culto, garantem-lhe uma vida de abundância. Estes atributos aparecem ainda com nitidez maior quando contrastados com a atitude oposta de Iansã.

Décimo Oitavo Episódio: versões a) e b): Onde se fala da rebeldia de Iansã em relação a Orixalá. Aos olhos do povo de santo, Iansã suscita um respeito que se mistura com pavor; há um horror pela crueldade dela com o "pobre" Orixalá, cuja aberta preferência pela dócil e "paparicadora" Oxum resulta perfeitamente compreensível aos membros do culto. Há um horror ao seu estilo drástico, às suas vitórias alcançadas através do sofrimento. A justiça que Iansã faz é sempre apresentada como cara demais, onerosa demais, "pesada" demais. Um preço que, se é possível optar, ninguém está disposto a pagar, sobretudo, porque Orixalá, apesar de omisso, não é malvado. Se Ele sustenta, na sua pessoa venerável, o sistema inteiro de relações que constituem o panteão, isto não significa que Ele exerça, de fato, o poder que seu papel de pai lhe confere. Num contexto patriarcal, Orixalá é o pai que se omite de seu papel. Iansã, com seu voluntarismo, parece não entender que é inútil lhe dirigir suas agressões; o ódio que sente por Ele, pela sua paternidade benévola – retratado nas duas versões seguintes – é visto como excessivo pelo povo do culto:

> Iansã sempre foi ruim, Ela viveu sempre revoltada contra Orixalá. Uma vez pegou a bengala do pobre velho e atirou-a no mar. Oxum vinha descendo, viu Orixalá chateado e lhe perguntou o que estava acontecendo com ele. Orixalá disse que Iansã, por pura maldade, havia jogado sua bengala no mar e agora Ele estava vendo ela ir embora na água salgada e sem poder fazer nada [Orixalá não pode entrar em contato com o sal]. Assim, Oxum não duvidou um segundo: pulou dentro da água e pegou a bengala de Orixalá. Então, Ela cantou aquela toada de Oxum *Taladé* que diz: '*A semi semi/ova mi a taladé, ova mi a taladé/ora ve ve Oxum...*" Trouxe a bengala até o rio, lavou-a, retirou todo o sal e devolveu-a a Orixalá. Desde então, cada vez que Orixalá necessitava dela, passou a chamá-la com essa mesma toada. Oxum é muito caridosa: Ela é uma boa samaritana e tem o dom de curar e aliviar a dor dos que sofrem. Orixalá adora Oxum porque Ela é muito boa para Ele: uma vez, Ele tinha uma ferida numa perna e estava chorando e queixando-se de dor. Então, soprou um vento muito forte, Iansã chegou e perguntou o que estava acontecendo com ele. Orixalá mostrou a perna e Ela, sem compaixão nenhuma, misturou pimenta, sal e cinzas, colocou a mistura na ferida, cobriu com um pano e amarrou dizendo que era um curativo. Foi-se embora e Orixalá ficou ali se contorcendo de dor e começou a chorar e a cantar a toada de Oxum Taladé. Aos poucos, Oxum chegou trazendo sua moringa de água, lavou-lhe a ferida com água do rio, retirou as cinzas, o sal e a pimenta, colocou algumas ervas curativas que cresciam perto da nascente e amarrou a ferida com a toalha branca de Orixalá, que sarou em seguida. É por isto que Orixalá ama Oxum e jamais diz não a qualquer coisa que Ela pede dele.

Neste contexto, Orixalá é a vítima indefesa:

> *Os filhos de Orixalá são muito pacíficos, não se magoam facilmente nem ficam ressentidos por pouca coisa. Ele tem muita paciência e tolera muitas ofensas dos filhos dele. Orixalá é um santo humano e triste; Ele carrega com ele o sofrimento sem revoltar-se, e as mais das vezes Ele perdoa.*
> *Orixalá é um santo velho: Ele tem a ver com a doença, com debilidade, com velhice, e os seus filhos sempre têm alguma coisa que faz eles parecerem cansados, como alguém que tivesse trabalhado duro o dia todo.*
> *Orixalá é um sofredor. Os filhos de Orixalá são fracos, no sentido de que não são empreendedores, não são ambiciosos. Tudo é difícil para eles.*

Oxum é a "boa samaritana":

> *Oxum é caridosa, compadecida e sabe ser efetiva na sua ajuda.*

E Iansã, a rebelde da estória:

> *Iansã é revoltada: Ela é Santa Bárbara, e foi chamada Bárbara pelas barbaridades que cometeu.*
> *O filho de Iansã pode ser desumano, implacável, rebelde. Eles têm um rosto fechado, antipático, e um porte autoritário: sempre encontram um jeito de ser superior.*

As diferenças de personalidade entre Oxum e Iansã são também exploradas usando como recurso o tema da vocação materna que, como vimos, constitui, igualmente, uma das dimensões do contraste entre Iemanjá e Oxum: Iansã, segundo se fala, não quis (ou não pôde) ser mãe.

> *Segundo alguns, os gêmeos Ibeje – Cosme e Damião – foram filhos de Oxum com Ogum, mas para outros Eles foram filhos de Iansã com Xangô. De qualquer maneira, foi Oxum quem criou Eles: Oxum é a mãe criadeira entre os orixás. Porque Iansã teve Eles mas não quis ser mãe e os abandonou. É por isto que os filhos de Iansã não são muito chegados a crianças. Eles podem até ter filhos, mas dão eles para outros criar. Eles não são maternais. Inclusive, tem alguns que falam que, de fato, Iansã foi estéril e nunca deu à luz.*

Décimo Nono Episódio: Onde se relata como Oxum seduziu e imediatamente abandonou Iansã, e como Iansã pôs Oxum para correr.

> Os filhos de Iansã são mais fortes que os filhos de Oxum. De fato, Iansã venceu Ela. Se diz que na vida dos orixás aconteciam as mesmas coisas que hoje. Assim, um dia, Oxum passou e Iansã estava na porta da casa dela. Iansã era muito bela, muito atraente, mas Oxum era mais esperta e mais sem-vergonha. Oxum, vendo Iansã tão linda, disse para si: "vou cantar Ela", pensando em derrubar a coroa de Iansã, e passou na frente dela com sua moringa de água na cabeça e cantando

> a toada: *Baba é/ que mi fana dan/ que mi fa de o.* Foi passando e rebolando. Iansã primeiro ficou chateada e disse que não queria nem escutar falar, que Ela não gostava dessas coisas, mas saíram juntas e, finalmente, Iansã cedeu. E Oxum foi tão safada que, uma vez que Iansã cedeu, ficou com Ela, e tudo aconteceu, Oxum passou a gostar de uma outra criatura. Então, Iansã foi buscá-la para bater nela e Oxum teve que se refugiar dentro do rio, onde Iansã não pode seguí-la [Oxum é a dona das águas doces, enquanto Iansã, no Brasil, é um orixá da terra]. De fato, Oxum foi obrigada a fugir para não apanhar de Iansã e não conseguiu tirar proveito do que fez.

O público sorri condescendente perante a volubilidade da favorita Oxum:

> *Os filhos de Oxum mudam de opinião facilmente: para eles dá no mesmo ficar de um lado ou ficar do outro. Hoje podem fechar a cara para você e amanhã dizer a alguém que gostam de você. São inconstantes.*
> *Os filhos de Oxum são gente sorridente.*
> *Oxum tem aquele chamego, aquele dengo. Oxum sabe encantar. Ela é graciosa, suave, meiga: o povo adora Ela.*

Enquanto não vê promessa alguma de sucesso ou felicidade nas virtudes severas de Iansã:

> *Iansã é bastante descuidada na sua aparência. Os filhos de Iansã costumam ser gente muito atraente, ter grande beleza física, mas não são sedutores. Geralmente não se preocupam em maquilar-se ou em vestir roupas boas porque pensam que a pessoa deve apresentar-se como verdadeiramente é. Elas querem é ser notadas pela sua importância, pela sua força.*
> *Iansã não é muito de alegria ou animação. Os filhos de Iansã têm tristezas profundas, têm um lado sombrio. Eles guardam as mágoas sofridas e ficam ressentidos por muito tempo. Iansã nunca perdoa.*

O Ciclo de Iansã e a Traição de Agbô [carneiro]

O assim chamado "espírito vingativo" de Iansã deflagra-se, finalmente, na sua relação virulenta com o *agbô.* Ela me foi narrada com duas variantes, ambas significativas porque somente numa delas é a própria Iansã o alvo da ofensa do carneiro e, contudo, em ambas, a santa reage com a mesma força justiceira.

Vigésimo Episódio: versão a): Onde se descreve o ódio de Iansã pelo caráter traiçoeiro e desleal do Agbô.

> Iansã odeia Agbô, o carneiro, porque Ela se sentiu traída por Ele. Agbô era quem espalhava todas as notícias do que acontecia no palácio; todo mundo queria sa-

> ber quem era o fofoqueiro. Mas, um dia, Oxum e alguém mais queriam fazer algo contra Iansã e decidiram enviar [o feitiço] num bracelete. Pegaram um dos braceletes de Oxum e o colocaram dentro de uma caixa. Agbô foi encarregado de entregá-lo a Iansã, já que ele era quem levava e trazia, o fofoqueiro do palácio. Quando Agbô já estava a caminho, Iansã – que já tinha percebido o que preparavam para Ela – veio na forma de um vento forte, abriu a caixa, retirou o bracelete e colocou um pequeno pássaro no lugar. E desde então Ela não gosta de carneiro; Ela *não pode comê-lo e seus filhos não* podem nem aproximar-se da pele dele . Porque o carneiro é um bicho muito falso: você tem ele preso e, de repente, ele vira de um jeito que você cai.

Na outra variante, porém, não é contra Ela que a traição vai dirigida e, contudo, seu senso de justiça chama-a a agir da mesma forma.

Vigésimo Episódio, versão b):

> Se fala que houve um problema entre Agbô, o carneiro, e Ekin, o pássaro, que sempre foram antes bons amigos, Agbô traiu Ekin e, desde então, Iansã não gosta de Agbô. Ekin, o pássaro, era muito amigo do carneiro e costumava contar-lhe tudo o que via na casa de Xangô. Ele lhe contava o que Xangô comia e até quando Xangô não tinha o que comer. Tal era a confiança de Ekin em Agbô, seu grande amigo. Finalmente, Xangô concluiu que o fofoqueiro era Ekin, e convocou o carneiro para trazer Ekin *na frente dele. Então, Ekin, entendendo* que sua situação estava a ponto de ficar difícil, fugiu. Xangô enviou Agbô para buscar Ekin. O carneiro chegou à porta da casa de Ekin e bateu: "quem é?" "É Agbô!" Então Ekin abriu a porta e Agbô o pegou, o pôs numa caixa e correu para a casa de Xangô. Mas, nesse momento, Iansã mandou uma ventania, abriu a caixa, libertou Ekin e pôs um bracelete no lugar. Quando Agbô chegou, Xangô lhe perguntou: "você tem Ekin nessa caixa?". "Sim, tenho ele". "E se ele não estiver aí?" "Se ele não *estiver aí eu te dou a minha* cabeça". Então Xangô abriu a caixa e só tinha um bracelete dentro. Portanto, Agbô teve que dar sua cabeça a Xangô. Iansã protegeu Ekin e ficou para sempre aborrecida com Agbô por sua traição. É por isto que os filhos de Iansã não podem comer *nem encostar na pele de carneiro e nem encostar* na corda que prende ele. E foi a partir daquele dia que Xangô come carneiro [em oferendas rituais], e Iansã não come por causa do seu ódio pela falsidade de Agbô.

Portanto, e a partir do contexto comportamental do mito, é possível fazer uma tradução do que o povo do Xangô descreve com os termos "espírito vingativo", para o que chamamos "espirito justiceiro". De acordo com seu ponto de vista, a escolha de palavras não é casual: a agressividade de Iansã é, sem dúvida, justiceira, mas é também desumana. Novamente aqui, não é este o preço que o povo do santo estaria disposto a pagar pela justiça.

> *Iansã é muito quente e esquenta a cabeça com facilidade. Iansã é como o fogo, como a fumaça, como o azeite quente.*

> *Ela é a rainha do feitiço. Ela corta o mal, desmancha qualquer coisa ruim que tiver por aí.*
> *Iansão é franca, e não gosta de falsidade e traição, assim como detesta máscaras e gente mascarada. Os filhos de Iansã são sinceros: lhe deixam saber a qualquer momento o que estão pensando de você.*
> *Os filhos de Iansã alimentam sua raiva por muito tempo, são extremamente vingativos. São capazes de esperar muito, mas finalmente, sempre dão o troco. Não aceitam desaforos de ninguém.*
> *Não toleram nada, nem sequer um grito. Não deixam ninguém pisar na cabeça deles.*
> *A palavra de um filho de Iansã é definitiva. São gente inflexível, que não trata de agradar niguém, que não faz concessões.*
> *Os filhos de Iansã querem intervir, se envolvem, lutam por fazer prevalecer sua opinião. Eles saem na defesa dos outros. Se eles estão com você vão até qualquer lugar com você, vão até o fim para ajudar você, vão e voltam com você e enfrentam qualquer dificuldade, mas não o abandonam.*

Um Mito de Orixalá

Encontramos, por último, uma dimensão única de equivalência entre Iansã e Orixalá, apesar de todas as suas divergências já narradas. O pai, que permanece a maior parte do tempo ausente e passivo em relação à sua mulher e aos seus filhos, revela-se intransigente num episódio que protagoniza. Contudo, essa severidade de caráter não lhe serve para se antecipar aos eventos, trabalhando de uma maneira ativa na criação da ordem, mas se faz sentir sob a forma de reação, a reboque dos fatos, na modalidade do castigo.

Vigésimo Primeiro Episódio: Onde se narra como Orixalá castigou Ekodidé por uma ofensa realmente cometida por Exú.

> Ekodidé era um pequeno pássaro amigo de Orixalá. Orixalá lhe confiava todos os seus segredos e desejos. Ele se sentava e o pássaro ficava no encosto da cadeira dele. O Ekodidé era um pássaro muito bonito, com uma cauda belíssima. Mas um dia Exú, com ciúme e inveja de Orixalá, pegou um tijela de azeite, colocou-a perto da cauda do pássaro e ela se encharcou com o azeite. Então, quando Orixalá se levantou e o pássaro se levantou também, o azeite pingou sobre Orixalá, e por onde o pássaro ia, o azeite manchava tudo [*Orixalá não pode entrar em contato com azeite*]. Assim, quando Orixalá olhou para trás e viu o que tinha acontecido, Ele amaldiçoou o pássaro: "não quero ver você nunca mais; de hoje em diante você é um *agé* [algo que traz azar] para mim. Fora da minha casa!" E, de fato, ninguém deve ofender Orixalá. Os filhos dele são realmente assim: eles jamais perdoam a quem os ofende seriamente, e a praga deles é sempre eficaz. Mas, como Orixalá e Ekodidé sempre haviam sido tão bons amigos, o pássaro ficou muito magoado e Orixalá guardou uma de suas pequenas penas vermelhas como lembrança dele.

Descobre-se aqui o caráter veladamente inflexível do pai e sua incapacidade de perdoar quando recebe uma ofensa maior. Revela-se, ainda, que alguém deve pagar pelo agravo, independentemente de que seja ou não o verdadeiro culpado ou que se atinja ou não a verdadeira causa.

> *Os filhos de Orixalá são tão suaves e meigos como um filho de Oxum ou Iemanjá. Mas Ele, no fundo e em silêncio, é autoritário: não faz concessões. Apesar de sua calma, não se curva nem escuta ninguém.*
> *Orixalá tem uma serenidade, uma benevolência infinita, uma singeleza indefinível; isto porque Ele é uma sumidade, alguém superior. Mas Ele é também inflexível, rigoroso. Tem a indiferença de quem está por cima, de quem é superior.*
> *Os filhos de Orixalá demoram horas para falar e, quando falam, é aquela litania. Ele é muito hesitante, ponderado. Contudo, por trás dessa calma toda, há uma ira oculta e, quando finalmente perde a paciência, Ele é grosseiro.*
> *Orixalá tem a condição superior de ajudar nas situações mais difíceis e de interceder pela pessoa com os outros santos: se você adoece, você tem que recorrer a Orixalá em primeiro lugar; se você está sendo punido pelo seu orixá, o único caminho que você tem é recorrer a Ele. Ele é o único que pode ajudar. Contudo, quando finalmente castiga, sua punição é irreversível. Quando chega esse ponto, os filhos de Orixalá são extremamente vingativos e não perdoam, são justiceiros inflexíveis.*

Mito: Discurso em Busca de um Sujeito

Expus ao leitor o repertório de episódios míticos que me foi dado conhecer da boca do povo do Xangô. Complementei estes episódios com extratos de falas coloquiais que circunscrevem, de acordo com a orientação nativa, o sentido atribuído aos personagens. Concluirei agora, afunilando mais ainda a minha interpretação deste discurso, que acaba de compor-se com a participação do povo no mito ou, mais exatamente, com a irrupção emotiva do público nele.

A imagem que me parece mais esclarecedora para compreender esta participação foi construída por Gadamer ao falar da estrutura de uma peça ou representação, no caso presente, a ação narrada pelo mito, como uma realidade fechada entre quatro paredes, onde uma destas cai, deixando, por assim dizer, o que é narrado ou representado como uma estrutura aberta. Porque, diz Gadamer, "a abertura em relação ao espectador é parte da qualidade fechada da representação. A platéia somente completa o que a peça é enquanto tal". (Gadamer, 1975: 98). No caso do Xangô, a interação entre esta platéia e as narrativas às quais ela é exposta pela tradição é expressa, primeiramente, em forma emotiva. Mas essa emoção refere-se, particularmente, aos caracteres, isto é, aos papéis que o mito exibe. Assim, vão se estabelecendo afinida-

des e antipatias entre o público e os personagens com os motivos que estes representam. Nesta relação, e não nos personagens mesmos, é que deve buscar-se a primeira chave para a compreensão do texto religioso do Xangô e é por ela, como já disse, que passa a vida real do mito, a sua atualidade. Um olhar inicial e exploratório do comportamento e das atitudes do povo do Xangô, seja em contextos rituais, ou na sua vida cotidiana, mostra a seguinte tendência consensual:

Ogum que, como vimos, representa o motivo da retidão e do direito, o trabalho duro e o investimento programado de energia para alcançar metas definidas, suscita respeito juntamente com um grau de condolência e um certo estranhamento.

Xangô, que encarna o motivo da ambição ou cobiça, a engenhosidade, a falta de escrúpulos e o esbanjamento de energia vital, desperta admiração, adoração: é o personagem mais popular, daí, o nome do culto.

Orixalá é o motivo da paciência, da resistência ao sofrimento e da autoridade fundamentada na idade e na sabedoria. O público ama-o e se compadece de suas dores, ao mesmo tempo em que prefere evitar esse destino.

Iemanjá encarna claramente o motivo da ordem, do respeito às hierarquias, às normas e às formalidades; Ela representa o privilégio atribuído (na maternidade genética), mas não conquistado (na criação efetiva dos filhos). O povo sente por Ela respeito, antipatia e desconfiança.[6]

Oxum representa o motivo do prazer e da sedução, da fartura e da vida agradável; também, em oposição a Iemanjá, encarna o motivo da maternidade adquirida através do mérito. Ela é tão popular quanto Xangô e, como Ele, suscita simpatia e admiração.

Finalmente, Iansã representa o motivo da justiça, o ressentimento e a repulsão do mal. O povo sente por Ela temor e um certo espanto e respeito.

É importante esclarecer que, ao lado desse consenso, há opções particulares e divergentes. Existem, de fato, gostos individuais que divergem, dependendo, as mais das vezes, do santo pessoal; como também existem preferências de grupos com atividades específicas (os militares e policiais, por exemplo, podem preferir Ogum como seu santo tutelar e as prostitutas e en-

6. O mito da falsidade de Iemanjá com Orixalá confirma e reforça a condição de privilégio atribuída a Iemanjá. Sua posição como mãe dos orixás e esposa de Orixalá foi preservada e, quando Ela traiu "o velho", o fez com um orixá de status ainda mais elevado que ele mesmo. Portanto, sua associação constante com o princípio de autoridade é reforçada neste episódio. De fato, Orumilá é a mais alta entidade cultuada no Recife e este é um dos raros mitos em que Ele participa da ação.

fermeiras, Oxum); e escolhas ligadas a grupos com genealogias específicas dentro do culto (como a casa mais antiga e ortodoxa de Recife, fundada sob a tutela de Iemanjá). Contudo, cada vez que os membros do culto manifestam uma diferença de opção a respeito da orientação valorativa predominante, geralmente, não o fazem sem primeiro reconhecer explicitamente que esta existe.

Os diferentes tipos de relação que se estabelecem entre o povo do Xangô e os membros do panteão, como já disse, se expressam em atitudes observáveis no curso da interação social, nos gestos que acompanham os relatos míticos e numa variedade de evidências que vão desde reações emotivas à chegada destes orixás em possessão, ao caráter dos vínculos que se geram em torno de pessoas concretas. A dramatização, no cenário social, destas simpatias e antipatias geradas pelo cenário divino pode ser entendida como um meio de tornar manifestas uma série de afirmações sobre o mundo, através do recurso do mito.

A reelaboração ativa dos personagens, imbuindo-os de valor, torna evidente que este espectador em que, segundo Gadamer, o drama – neste caso o drama narrado pelo mito – "alcança sua significação total", não é só um espectador, mas também um sujeito da fala do mito; um sujeito que reorganiza as "formas", as "figuras", verdadeiras "cenas da linguagem" (no sentido de Barthes, 1972 e1984), que são significações míticas, de acordo com sua própria gramática.

Este caráter do sujeito da fala mítica se manifesta, em primeiro lugar, através da ação, a partir do momento em que ele transforma os personagens em agentes de valor e se relaciona com eles em termos de emoção, ele os traz para habitar seu próprio mundo. Por outro lado, desde que cada pessoa tem um orixá tutelar, dono da sua cabeça, a interação no mundo é sempre uma versão da interação entre estes personagens. Em segundo lugar, se manifesta através da continuidade dessa fala porque, ao desenvolver e elaborar os atributos de cada orixá em alocuções como as transcritas acima, ele prolonga a produção do mito no cotidiano, funde seu horizonte no horizonte do mito, transformando ambos numa paisagem única e indivisível.

Cabe perguntar, então, quem é este sujeito coletivo que fala este mito e que mundo é este que ele habita. Para chegar até ele é imprescindível compreender o que ele diz, compreender o mito que ele fala, como recomendara Kerényi (que, apesar de estudar os gregos, havia já percebido, através de leituras, quão instrutivo é o encontro com uma mitologia viva), "não *sub-specie aeterni...* mas como uma forma de pensar e de expressar-se, que o estrangeiro deve aprender do mesmo modo que aprende a língua" (1972: 30).

Um procedimento adequado para interpretar "o dito" (Geertz, 1975) desta fala é considerar, por um lado, a composição interna do aglomerado de traços que compõe cada orixá, isto é, as relações internas entre os termos e atributos que compõem este aglomerado e, por outro lado, considerar as relações externas que vinculam os orixás entre si, ou seja, a relação entre as idéias que estes encarnam. E, finalmente, considerar, como já mencionei, os conteúdos emotivos e valorativos que são associados a estes personagens, assim como as apostas que os membros do Xangô fazem a respeito de seus destinos. Estes três elementos já estão presentes na seção anterior, tanto no mito quanto na fala cotidiana do povo e nos meus comentários feitos a partir da minha participação nesse cotidiano. Trata-se, nada mais nada menos, que do procedimento hermenêutico clássico de colocar cada atributo num contexto que o torne inteligível, ao mesmo tempo em que ele, de sua posição, ilumina o todo, transformando-se, por sua vez, em contexto. Uma análise desse tipo, com base nos materiais apresentados anteriormente, revela, de maneira sintética, o seguinte:

Na figura de Ogum: retitude, trabalho duro e espírito de luta podem assegurar algumas realizações, mas não garantem o sucesso, não levam ao poder nem à felicidade. Este aglomerado de traços é visto como incompatível e em franco conflito com o aglomerado composto pela cobiça, a astúcia e o esbanjamento de energia, encarnado por Xangô.

Na figura de Xangô: engenhosidade, manha, imprudência e uma vitalidade exuberante, mas só dirigida pelo impulso e orientada a objetivos imediatos, garantem o sucesso fácil e levam ao poder e à popularidade.

Na figura de Orixalá: a autoridade da idade e a sabedoria é paciente e benigna para todos, mas não lança mão de nenhuma forma de poder efetivo e, por isso, sua vontade é ignorada. Quando sua paciência, depois de muito tempo, se esgota, seu procedimento é o castigo. O legalismo formal (encarnado por Iemanjá) a ofende; e o espírito de justiça (encarnado por Iansã) a agride. Orixalá representa a ética existente, presente, mas omissa.

Através da figura de Iemanjá, que encarna o *establishment*, as regras institucionais são afirmadas legítimas e devem ser reconhecidas como tal, mas não são, necessariamente, justas e não se deve acreditar nelas. Oscila entre defender formalmente a retitude e a maturidade (representadas por Ogum) e, na hora de agir, render-se à ambição e aos métodos imorais (representados por Xangô).

Na figura de Oxum: a sensualidade, a permissividade e o caráter dócil conseguem riquezas e atraem o amor e a proteção das figuras de autoridade (como Orixalá e Xangô), assim como o carinho de todo mundo.

Na figura de Iansã: a busca de justiça é imbuída de crueldade e implica agressão contra a autoridade sábia e benigna. A busca de justiça é um elemento estranho, na medida em que Iansã é uma estrangeira.

Muitas outras reflexões podem ser esboçadas. Afinal, qual é a lei que amparou a legitimidade de Ogum no trono, senão a mesma lei de Iemanjá, da herança, do sangue, do privilégio? (Ver, para complementar, Segato, 1986). Por que, então, não celebrar o truque habilidoso, a astúcia de Xangô? Não será que, pela própria positividade desta irreverência, Xangô, como foi dito, é também representado como um pesquisador, alguém dotado do espírito da dúvida que caracteriza a ciência, alguém disposto a suspeitar dos fatos que fundam as legitimidades? Da mesma forma, para que poderia Iansã querer ferir, dobrar um patriarca que não exerce poder, enfim, um patriarca inócuo? Qual viria a ser seu ganho? Ou, também, se Iemanjá é uma legalidade vazia, sem conteúdo moral, por que não emular Xangô e Oxum, sua filosofia do momento e do prazer, seu inabalável espírito festivo? Depois de tudo, Iemanjá, ainda encarnando as qualidades da lei e da ordem, não hesita em "esconder os erros de Xangô, seu filho mimado, debaixo da sua saia", enquanto que nada impede Xangô de continuar coexistindo com Ela e reconhecendo a legitimidade dessa mãe, cujas regras Ele constantemente evade.

Começa-se a compreender o dito do sujeito que fala através das figuras míticas dos orixás. É importante esclarecer que outras falas de outros sujeitos históricos ou diferentemente situados são possíveis e, de fato, ocorrem, como mostrarei num trabalho futuro, fazendo uso destas mesmas figuras, já que elas, enquanto significantes de um discurso, constituem, como Foucault sugere, uma disponibilidade para o sujeito, "uma possibilidade aberta de falar" (Foucault, 1973: 23).

Uma primeira conclusão possível seria sugerir que quem fala nestes mitos habita já um mundo que partilha das características da modernidade. Contudo, ele é moderno só parcialmente. De fato, neste mundo, existe o indivíduo, enquanto idéia-valor, e este indivíduo tem como referência direta o cosmos, sem mediação social (Dumont, 1970). Não é enquanto membro de um grupo social, herdeiro numa genealogia ou morador de uma região que ele se vincula a suas divindades; ele contrai seus laços de obrigação em relação a elas sobre bases individuais. Esta característica da mudança resultante da transição da África (onde a mediação entre o mundo humano e os orixás estava dada pela genealogia ou pela localidade ou região de residência) para o Brasil (onde indivíduo e orixá mantêm uma relação de afinidade direta na qual o orixá vem, justamente, sublinhar a individualidade da pessoa) é bem anali-

sada por Verger (1981: 33; ver também Segato, 1984). Contudo, o processo de constituição da cidadania, correlato necessário da constituição da nação, não está completo. De fato, existe um horizonte moral reconhecido como mera referência, onde certas noções do correto e do incorreto, do justo e do injusto, enquanto valores sociais, estão presentes, mas trata-se de uma moral omissa – como no caso de Orixalá –, alheia – como no caso de Iansã – ou ineficaz – como no caso de Ogum. Não esqueçamos, também, que no Xangô não existe nenhuma noção como a de céu ou de salvação após a morte, que pudesse garantir a ordem social num contexto político individualista (ver os comentários de Dumont sobre Locke, 1970). Aquele horizonte moral, portanto, não é mais do que conhecimento ou reconhecimento: é mais um dado prospectivo sobre a constituição do mundo envolvente. A apropriação dele não se dá. O sujeito deste mito não é o mesmo sujeito daquele horizonte moral.

Todavia, essa análise que acabo de fazer não me satisfaz totalmente. O modelo de Dumont não parece suficiente, ele tem a fraqueza de levar-nos, inescapavelmente, a um único par de alternativas. Se houver nação, parece dizer, haverá horizonte ético religioso, haverá algum tipo de céu, ainda que seja o céu da paz e da consciência interior; haverá utopia. No entanto, o Xangô é uma religião que descreve a realidade, não que prescreve como ela deve ser e, ao mesmo tempo, não há sinais de que esta ou outras formas de culto afro-brasileiro estejam se extinguindo.

A pergunta que surge é se a mitologia com que o Xangô opera manifesta a escolha, por parte de uma sociedade, de uma hierarquia de valores, de um modelo que prescreve os padrões segundo os quais os membros da sociedade em questão deverão conduzir-se, ou seja, de uma ética no sentido weberiano. De fato, é possível afirmar que não existe, no Xangô, noção alguma como a de "desagrado ético" dos deuses da qual Weber fala (1971: 43) e, muito menos, uma noção de pecado. Nos raríssimos casos, por exemplo, em que alguém comete um homicídio (no único caso de que tive notícias a razão foi passional), a mágoa sobrevém – e fortemente – não pela certeza de que houve violação de uma norma divina, mas pela certeza de que se atuou de acordo com o lado infeliz, obscuro, cruel, de orixás "pesados" como Ogum ou Iansã. Da mesma forma, há proibições, particularmente, alimentares, que funcionam, sim, emblematicamente, mas cuja violação – que é por demais comum – não dá origem ao que entenderíamos como uma culpa ética. Parece-me, portanto, que não se trata de uma ética, no sentido weberiano, mas de uma política, no sentido maquiavélico, onde as regras do agir se separam da reflexão moral.

Estas regras práticas resultam da experiência de um povo privado de expressão política nas decisões relevantes à sua própria existência. Sugiro que as falas que aqui analiso sejam compreendidas preferentemente desta segunda maneira e como comentário sobre a realidade social, *a posteriori*, por parte de quem não partilha da responsabilidade de impor uma direção a essa sociedade. Este comentário implica uma sociologia prática, constitui um levantamento prospectivo do mundo em que habita o povo que assim fala.

Isto leva ainda a uma segunda reflexão a respeito da universalidade do mal e do símbolo primário da queda de que fala Ricoeur na obra já citada. Nesta reflexão, a diferença que se impõe entre a tradição cristã e a tradição afro-brasileira do Recife é análoga à relação entre uma visão utópica do mundo e uma visão descritiva, tautológica, do mundo. Falo da tradição cristã como uma visão de mundo predominantemente utópica, isto é, onde o componente utópico é dominante, para contrapô-la ao sentido fundamental que encontro nos mitos do Xangô e poder, assim, tornar este sentido mais claro. O Deus cristão não é um deus redundante, uma metáfora do real, mas um deus que propõe uma direção moral e gera, com sua mera existência, um estado de insatisfação. Ele introduz uma tensão entre humanidade e divindade, um imperativo. Sempre há um espaço não preenchido entre o modelo por ele proposto e a existência real (insatisfação que, para aventurar uma curta digressão, pareceria ter continuidade no próprio espírito científico). Neste mundo, a humanidade sempre concebe alguma medida de distância em relação à divindade, ao bem, à verdade. Este deus se apresenta, não como uma revelação do mundo, mas como uma proposta de futuro, como direção, como projeto. Ele está além.

Esta divindade, que impulsiona os habitantes do seu mundo a projetar-se sempre para além das suas possibilidades atuais, procede, também, demarcando incansavelmente e com precisão obsessiva os limites entre o que se encontra dentro e é próprio da natureza divina, e o que é excluído desta natureza. O símbolo primário da queda tem seu lugar justamente aí, nesta exclusão, e é próprio ou, mais exatamente, é dominante em sistemas de pensamento religioso onde este tipo de utopia está presente, onde o domínio da divindade se define por um ato de exorcismo que expele uma porção do real para fora de si, pela marcação de um outro que deve ser expelido.

Por outro lado, existem religiões cujos temas estão tão perto da universalidade quanto os das religiões da insatisfação, só que elas se concentram naturalisticamente no mundo e têm na realidade seu tema. Elas partem, poderíamos dizer, do mundo já separado, já carente. Assim, o Xangô é um pensa-

mento religioso descritivo, quase tautológico: não propõe, mas exibe o mundo na sua atualidade.

Uma vez mais, os materiais do Xangô nos aproximam dos gregos porque este mito, como o deles, é também "o mito deste mundo específico e deste homem específico" e, graças à sua intermediação, através do conhecimento dos deuses, o conhecimento do mundo se torna possível, havendo "concordância total entre conhecimento e fé", de maneira que "a imagem mais verdadeira do real é, ao mesmo tempo, o testemunho mais vivo da existência dos deuses" (Otto, 1954). Como no caso presente, o divino serve de instrumento para explorar o humano e exibe os aspectos deste mundo com um poderoso senso de realidade. Não se trata, portanto, de opor mito a razão ou romantismo a iluminismo, porque "toda consciência mítica é também conhecimento" (Gadamer, 1975: 4); neste caso particular, conhecimento de um mundo onde não é o esforço sistemático e previsor que segura a fortuna, a lei raramente se orienta pela verdade, o charme é a qualidade fundamental e a única garantia de sucesso, a sabedoria e o bem são inoperantes, e quem procura uma ordem diferente deve lançar mão de atos violentos, cruéis, desagradáveis – esta última, sem dúvida, não é a opção privilegiada pelo povo do Xangô, mas não deixa de estar presente no seu horizonte de possibilidades. Estas falas descrevem, com precisão sociológica, um país, enfim, onde só quem, como Oxum, sabe "fazer a vista grossa" e "dar a volta por cima" se dá bem porque, em última instância, todo e qualquer ato de justiça será entendido como um ato de vingança, tal como acontecera com Iansã.

Desta maneira, é possível afirmar, como Otto o fizera para o caso da religião grega, que, no Xangô,

> o que... a devoção venera... [é] a faculdade de ver o mundo à luz da divindade, e não o mundo anelado, o mundo a que se aspira... mas o mundo no qual somos nascidos e do qual formamos parte.
> (...) Para o naturalismo piedoso muitas coisas são verdadeiras e importantes, enquanto podem parecer ridículas ou perniciosas aos teóricos e moralizadores (Otto, 1954: 11, 10).

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. 1972. *Mitologias.* São Paulo: Difusão Européia do Livro.

————. 1984. *Fragmentos de um Discurso Amoroso.* Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves.

CARVALHO, José Jorge. 1988. "Nietzshe e Xangô: Dois Mitos do Ceticismo e da Rebeldia". Trabalho apresentado no Simpósio "Antropologia e Teologia" na 16ª Reunião Brasileira de Antropologia. Campinas, São Paulo.

DUMONT, Louis. 1970. Religion, Politics, and Society in the Individualistic Universe. *Proceedings of the Royal Antropological Institute:* 31-41.
————. 1977. *From Mandeville to Marx. The Genesis and Triumph of Economic Idelogy.* Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
FOUCAULT, Michel. 1973. *El Orden del Discurso.* Barcelona: Tusquets.
GADAMER, Hans-Georg. 1975. *Truth and Method.* Nova Iorque: Crossroad.
GEERTZ, Clifford. 1975. "Thick Description. Toward an Interpretive Theory of Culture". In *The Interpretation of Cultures.* Londres: Hutchinson.
KERENYI, Karl. 1972. *La Religión Antigua.* Madrid: Revista de Occidente.
LEACH, Edmund. 1983. "Nascimento Virgem". In *Edmund Leach* (Roberto da Matta, org.). São Paulo: Ática: 116-138.
LEENHARDT, Maurice. 1978. *Do Kamo. La Persona y el Mito en el Mundo Melanesio.* Caracas: Ediciones de la Biblioteca, Universidad Central de Venezuela.
MOTTA, Roberto. 1978. Prefácio à segunda edição de Ribeiro, René: *Cultos Afro-Brasileiros do Recife. Recife:* Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
OTTO, Walter F. 1954. *The Homeric Gods. The Spiritual Significance of Greek Religion.* Londres: Thames and Hudson.
RIBEIRO, René. 1978. *Cultos Afro-Brasileiros do Recife.* Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
RICOEUR, Paul. 1969. *The Symbolism of Evil.* Boston: Beacon Press.
SEGATO, Rita Laura. 1984. *A Folk Theory of Personality Types. Gods and Their Symbolic Representation by Members of the Sango Cult in Recife, Brazil.* Ph.D Dissertation. Belfast: The Queen's University of Belfast.
————. 1986. Inventando a Natureza: Família, Sexo e Gênero no Xangô do Recife. *Anuário Antropológico 85:* 11-54.
SILVERSTEIN, Leni M. 1979. Mãe de Todo Mundo. Modos de Sobrevivência nas Comunidades de Candomblé na Bahia. *Religião e Sociedade,* No. 4: 143-171.
SPERBER, Dan. 1982. "Apparently Irrational Beliefs". In *Rationality and Relativism* (M. Hollis e S. Lukes, orgs.). Oxford: Basil Blackwell: 149-180.
VERGER, Pierre. 1981. *Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.* Salvador: Editora Corrupio.
VERNANT, Jean Pierre. 1982. *Mito y Sociedad en la Grecia Antigua.* Madrid: Siglo XXI Editores.
VEYNE, Paul. 1984. Acreditavam os Gregos em Seus Mitos? São Paulo: Editora Brasiliense.
WEBER, Max. 1971. *The Sociology of Religion.* Londres: Social Science Paperbacks.